DE NICOLAU DE CUSA A GALILEU GALILEI

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA

Luciano De Crescenzo

ROCCO DIGITAL

Luciano De Crescenzo

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA

de Nicolau de Cusa a Galileu Galilei

Tradução de
MARIO FONDELLI

ROCCO DIGITAL

HISTÓRIA
DA FILOSOFIA
MODERNA

Fazer troça da filosofia é o verdadeiro filosofar.
Blaise Pascal, *Pensamentos*, 4.

PREMISSA

Não sei por quê, mas, quando se fala em revolução, ficamos logo pensando no final do século XVIII ou no começo do século XX, e, portanto, na Revolução Francesa ou na Russa, e nunca, nunca mesmo, nos séculos XV e XVI, quando na verdade as maiores mudanças aconteceram justamente naquela época. Só para dar alguns exemplos, citando ao acaso as áreas culturais e os homens que as caracterizaram assim como eles vêm à minha cabeça: a filosofia com Marsilio Ficino e Francis Bacon; a geografia com Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e os navegadores portugueses; a astronomia com Copérnico, Tycho Brahe, Kepler e Galileu; a política com Maquiavel e Guicciardini; o nascimento da imprensa com Gutenberg; a arte com Leonardo, Rafael e Michelangelo; a invenção da perspectiva com Brunelleschi e Leon Battista Alberti; a religião com Martinho Lutero, Zwingli e Calvino, e sabe-se lá quantos outros dos quais no momento não me lembro. Pois bem, para juntar tudo numa coisa só, é bom frisar que este conjunto de múltiplas formas culturais costuma ser chamado de Renascimento.

Para alguns o Humanismo foi um período histórico que começou no século XV, durante o qual voltou-se a dar valor às matérias humanistas e, portanto, aos clássicos latinos e gregos. Para outros, foi mais uma questão de revalorização do homem em si. Os primeiros afirmavam que não se podia ignorar o que havia sido dito por Sócrates, Aristóteles, Platão, Tácito e Sêneca. Para os segundos, por sua vez, era o próprio Deus que havia dado um passo para trás a fim de abrir espaço para os homens e suas invenções. Basta dizer que foi justamente nesta época que apareceu o *De hominis dignitate*, de Pico della Mirândola.

O chavão da Idade Média fora "*Nascemos para sofrer*" (que decorria da ideia do homem "peregrino num vale de lágrimas"), enquanto o do Renascimento era "*Quem quiser ser alegre, que o seja*" de Lourenço o Magnífico (que deriva do conceito do "*carpe diem*" de Horácio), e isso já diz muita coisa a respeito das diferenças entre as duas épocas. Certo dia, ao escrever uma carta a um amigo, Erasmo de Roterdam confessa estar cansado de viver e diz: "Agora que completei cinquenta anos de idade, acho que já vivi o bastante. Mesmo assim gostaria de voltar a ser jovem, pelo menos por mais alguns anos, pois vejo surgir ao meu redor um século de ouro." A vida, com efeito, voltara a ser evasão, cultura, folguedos e animados passeios com os amigos. Talvez, no começo, o indivíduo ainda se sentisse um tanto tímido e desajeitado, mas depois, pouco a pouco, com o passar dos anos, começou a raciocinar com sua própria cabeça até tornar-se, nas palavras do historiador Johann Huizinga, um "lindo brinquedo nas mãos de Deus".

Até então, os únicos homens capazes de ler e escrever haviam sido ou monges ou padres. Estes últimos, além de rezar missa, também costumavam bancar os médicos, psicanalistas e boticários. Mas não o cientista. Nunca! Ainda mais porque a ciência não era vista com bons olhos pelas autoridades eclesiásticas. Mas, atrelada à revolução cultural, também houve a social. Começaram a aparecer em cena as classes mais pobres, isto é, a dos trabalhadores. Nasceram, portanto, as indústrias têxteis, as metalúrgicas e as vidreiras. E isso sem mencionar os avanços na engenharia civil e na construção naval. O ensino ganhou finalmente a *disputatio*, isto é, a possibilidade por parte dos estudantes de levantarem dúvidas acerca daquilo que acabavam de ouvir do *magister* e de dizê-lo na frente de todos.

Naquela época, os estados que realmente contavam na Itália eram cinco: O Reino de Nápoles,

Veneza, Milão, Florença e a Igreja. Esta última não se limitava apenas aos muros vaticanos, pois na verdade dominava uma vasta área que compreendia o Lácio, as Marcas, uma parte da Emília, a Romanha e a Úmbria. As várias cortes, inclusive as poderosas como as dos Médici e dos Sforza, não podiam ignorar as autoridades eclesiásticas e acabavam de alguma forma sendo influenciadas por elas. Durante a Idade Média, a Fé ganhara da Razão de dois a zero. O caminho obrigatório para o bom católico era de casa para a igreja e da igreja para casa, e ai de quem se afastasse, mesmo que uns poucos metros. Mas como dizemos em Nápoles, *“Dalli e dalli, si scassano pure i metalli”*, que traduzido em vernáculo quer dizer: “De tanto insistir, dobram-se até os metais.” De forma que um belo dia a Razão conseguiu empatar. Quem inaugurou o marcador com o primeiro gol foi Nicolau de Cusa.

Nicolau de Cusa (1401-1464)

I
NICOLAU DE CUSA

Nicolau de Cusa nasceu em 1401 na cidade de Cusa, na Alemanha. Ao chegar à maioridade, percebeu que tinha um nome impronunciável: Chrypffs, Kreybs, Khrayfs ou algo parecido. Decidiu então latinizá-lo em *Cusanus*, como homenagem à cidade natal, e na mesma trilha chegou até nós como "de Cusa". Estudou primeiramente em Deventer, em seguida em Heidelberg e finalmente em Pádua, onde se formou em direito. O primeiro processo em que atuou foi um estrondoso fracasso: o seu cliente foi condenado a uma pena até mais grave do que a pedida pela promotoria, e isso bastou para fazer com que ele mudasse de profissão.

A teologia foi o seu verdadeiro primeiro amor. Em seguida, como costumava acontecer naquela época, tornou-se padre e começou a frequentar os ambientes italianos. Devia pensar, com certeza, que os ares itálicos fossem menos alemães do que os alemães, mas estava redondamente errado: descobriu que eram ainda mais intransigentes. Ainda jovem, escreveu vários livros, entre os quais o *Idiota*, o *De pace fidei*, o *De visione Dei* e um ensaio intitulado *Il gioco della polla*.

Já na casa dos trinta, participou do Concílio de Basileia, onde se sobressaiu pela perspicácia das suas intervenções. Agora, não podemos esquecer que naquela época os participantes dos concílios sabiam fazer tudo menos conciliar. Em Basileia, com efeito, formaram-se imediatamente dois partidos firmemente decididos a acabar cada um com as teses do outro: o dos que viam no Papa um monarca absoluto e o dos que acreditavam na contribuição consultiva dos demais membros da Igreja. Nicolau alinhava-se entre estes últimos e fez o possível para mediar as duas facções adversárias. Estava até se saindo bem até que certo dia, num lance infeliz, deixou-se levar pelo entusiasmo e afirmou publicamente que Deus e o Universo eram a mesma coisa, por serem ambos infinitos: isto lhe valeu uma imediata acusação de panteísmo, acompanhada obviamente de uns bons anos de cárcere. Mais tarde, no entanto, mudou radicalmente de opinião: foi eleito bispo de Bressanone e, logo a seguir, cardeal e vigário geral do Estado Pontifício. A partir de então portou-se como o mais fiel servidor do Papa, o que fez dele o primeiro vira-casaca inteiramente assumido da história da filosofia. Morreu em Todi, em 1464, com sessenta e três anos.

O pensamento de Nicolau de Cusa viaja com um pé no estribo da teologia e o outro no da metafísica. O próprio conceito de infinito, por exemplo, levava-o "a caminhar entre loucos".

"É muito difícil, para um mortal", segundo Nicolau, "conceber o infinito."

Então ele teve uma experiência inesquecível. Estava viajando num veleiro de três mastros da Grécia à Itália quando certa noite, não estando com sono, decidiu subir ao convés. Estava alvorecendo e percebeu que em volta dele só havia mar, nada mais do que mar. Nenhuma língua de terra à vista, nenhuma ilha ou penhasco em que fixar o olhar.

"Isto deve ser o infinito", pensou, "e isto deve ser Deus."

Em seguida reparou numa revoada de pássaros que se dirigiam para as costas italianas.

– Meu Deus! – exclamou. – Como seria maravilhoso ter asas e poder voar por toda a

eternidade até chegar às margens do infinito!

Nessa altura, no entanto, percebeu ter dito uma grande bobagem.

A expressão "margens do infinito" é uma contradição em seus próprios termos. O infinito não pode ter margens. O infinito é uma circunferência alargada ao máximo e, portanto, justamente por este alargamento máximo, equivale a uma reta.

Acabou percebendo que só a consciência da própria ignorância poderia ajudar. Voltou então para casa e começou a escrever um ensaio intitulado *De docta ignorantia*.

"Se você não for ignorante", concluiu, "nunca poderá entender as coisas que ficam acima."

Na verdade, aliás, ele não foi o primeiro nem será o último a definir-se ignorante. Desde Sócrates até Adriano Celentano[1] sempre houve quem ostentasse a própria ignorância como título de mérito. Nicolau de Cusa, em particular, aconselhou-a como método para tentarmos entender as coisas dificilmente compreensíveis. E estava certo: ao entrarmos num museu ou ao começarmos a leitura de um livro, é só nos esquecermos de nós mesmos, é só fingir que acabamos de nascer, e tudo vai nos parecer mais lindo e atraente.

Eu me encontro com o Nicolau amiúde. Os seus despojos descansam em Roma, na igreja de San Pietro in Vincoli, quase ao lado da minha casa. É só atravessar a rua.

Em geral, toda segunda-feira costumo tomar café no Snack Bar do largo Corrado Ricci, para o costumeiro bate-papo com o meu antigo companheiro de escola Eduardo Criscuolo, grande admirador de Michelangelo.

O ritual de sempre: primeiro a compra dos jornais e em seguida o *cappuccino*, o brioche recheado, a conversa com Criscuolo e a visita ao *Moisés* de Michelangelo, também em San Pietro in Vincoli. Pois bem, do lado esquerdo da igreja, logo depois da entrada, fica o túmulo de Nicolau de Cusa. Criscuolo passa diante dele sem pestanejar. Eu, por minha vez, diminuo a passada e dirijo-lhe uma afetuosa saudação.

A propósito de Nicolau de Cusa,

eu acredito que na natureza não existem nem o zero nem o infinito. No máximo, posso imaginar coisas que tendem ao zero ou ao infinito, mas nada mais do que isso. Na antiga Roma o zero não existia. Só foi inventado no século VIII depois de Cristo por um tal de Abu al Khawarizmi, um árabe que vivia em Bagdá. No que concerne ao infinito, por sua vez, gostaria de poder demonstrar a sua não existência, mas percebo que isso nos levaria a enfrentar algumas dificuldades. Assim sendo, para não correr o risco de ser deixado de lado logo nas primeiras páginas, convido o leitor a pular este pequeno capítulo e passar direto para o seguinte, a não ser que, com alguma boa vontade e um tiquinho de geometria estudada na escola, decida enfrentar o desafio.

Dito isso, vamos imaginar que somos animais de uma só dimensão. Cada um de nós é apenas um tracinho, mais ou menos comprido, que vive numa reta.

A certa altura, um tracinho pergunta a outro tracinho:

– O que é que você acha? Esta reta na qual vivemos, é finita ou infinita?

– Infinita – responde sem hesitar o segundo tracinho –, ainda mais porque, se acabasse,

sempre haveria logo atrás mais um pedacinho de reta.

– Nada disso – objeta um terceiro tracinho que fica atrás de nós e se chama Albert, justamente como Einstein. – Aquilo que a vocês parece uma reta é na verdade um pedaço de circunferência.

– Um pedaço de quê?

– ... de circunferência, isto é, de um círculo fechado. Se vocês continuarem em frente na sua reta, mais cedo ou mais tarde acabarão voltando ao ponto de partida... isto é, ao lugar de onde vocês saíram.

Os primeiros dois tracinhos continuam sem entender. E sabe por quê? Porque os pobres coitados, ignorantes unidimensionais, não podem imaginar uma circunferência que é uma figura de duas dimensões.

Aconteceria exatamente o mesmo se fôssemos animais bidimensionais. Neste caso cada um de nós seria uma espécie de pizza e viveria numa superfície plana. As mulheres seriam todas perfeitamente planas e não teriam peito nem traseiro saliente. Até Naomi Campbell seria uma coisa tristemente achatada. Nesse caso também poderíamos nos perguntar se o plano em que vivemos é finito ou infinito. E mais uma vez a pizza de Albert perturbaria as nossas ideias dizendo:

– O que vocês consideram um plano nada mais é do que uma pequena parte de uma esfera que, como todos sabem, é uma figura finita. Razão pela qual, indo para qualquer direção, acabariam sempre voltando ao ponto de partida.

E, como no caso anterior, sendo as pizzas indivíduos bidimensionais, não conseguiriam imaginar uma esfera que é uma figura geométrica de três dimensões.

Neste ponto, para concluir o raciocínio, vamos tentar imaginar que somos exatamente o que somos, isto é, animais de três dimensões. Estamos convencidos de que vivemos num espaço infinito, mas continua havendo aquele maldito do Albert que vem logo avisando: o nosso espaço não tem três dimensões, mas sim quatro, onde a quarta dimensão é o tempo. O único problema é que, para nós, pobres animais tridimensionais, não é fácil imaginar um espaço de quatro dimensões. O que já sabemos, no entanto, é que, percorrendo sem parar ao longo de uma dessas dimensões, acabaríamos voltando ao ponto de partida. Por quê? Porque o infinito, como tal, não existe.

Resumindo, podemos dizer: toda vez que passamos de um espaço de n *dimensões para um espaço de* $n+1$ *dimensões, aquilo que num primeiro momento nos parece infinito torna-se imediatamente finito. Seja como for, repito: se tiverem alguma dificuldade para entender o que vem a ser um espaço de* $n+1$ *dimensões, não precisam perder o sono por causa disso. Passem logo para o capítulo seguinte.*

---

1 Peço perdão por jogar o filósofo e o cantor popular no mesmo caldeirão.

Lorenzo Valla (1407-1457)

II
LORENZO VALLA

Será possível praticar o epicurismo sem trair os fundamentos cristãos? Sempre haverá alguém defendendo essa tese, e uma pessoa profundamente convencida disso, por exemplo, foi Lorenzo Valla (1407-1457). Mais do que em Deus, ele acreditava na Natureza ou, para sermos mais precisos, na bondade da Natureza. Isto não quer dizer que naquele tempo não houvesse terremotos e inundações. Claro que havia, mas não havia a televisão, que faz com que esses fenômenos sejam vistos todas as noites.

Lorenzo Valla, romano da gema, identificava a felicidade com a *divina voluptas*. E quando alguém o acusava de panteísmo, defendia-se dizendo que a Natureza nada mais é do que a manifestação de Deus na Terra. Considerava a si mesmo, na prática, "*um porco do rebanho de Epicuro*", nem mais nem menos do que o poeta Horácio.[2] Talvez tenha sido ele o inventor daquela canção romana que diz: "Mas quem se lixa, mas quem se importa..." Conforme os seus preceitos, de fato, podemos nos entregar a todos os prazeres possíveis. Um belo prato de massa com molho de carne, um copo de bom vinho tinto, a companhia de uma linda jovem não são pecados, são apenas as diferentes maneiras de que Deus dispõe para ser reconhecido por nós, pobres mortais.

Na sua obra, *De voluptate ac de vero bono*, tenta transformar o paganismo epicurista em *cristianismo positivo*, defendendo a teoria segundo a qual na base de toda felicidade há o desejo. A verdadeira meta, portanto, não é tanto a realização do prazer, mas o caminho que devemos percorrer para chegar lá. Ninguém é mais infeliz do que um *voyeur* num campo de nudistas. E quem diz isso não sou eu, é Freud: "A obtenção do sucesso também é o começo de uma linda neurose."[3]

No seu *De voluptate*, Valla convida os homens a desejar acima de qualquer outra coisa a liberdade. Trata-se de um diálogo entre três pessoas: um estoico (um chato), um epicurista (um tanto mulherengo) e um filósofo (ele mesmo) que medeia a discussão e afirma que somente a doutrina cristã pode fazer coincidir o verdadeiro prazer com a verdadeira felicidade. No fim, conclui dizendo: "Para nós cristãos o prazer é uma escada que nos permite alcançar a beatitude eterna depois que a nossa alma se despiu dos membros."[4]

O importante, portanto, é evitar a dor. Todo o resto não conta.

A propósito de Lorenzo Valla,

e das suas ideias acerca do pecado, gostaria de dar a minha opinião. Quem me levou a meditar sobre o assunto foi um colega meu na faculdade de engenharia, Mario Vallauri, da classe de 1930. Vallauri, além do mais, por uma estranha brincadeira do destino, tinha um sobrenome que começava com "valla". Ele tampouco acreditava, de qualquer maneira, nos

pecados capitais.

Certo dia, enquanto estávamos sentados numa pizzaria, saiu-se dizendo:

– Para mim a luxúria não é pecado.

– Em que sentido, não é pecado? – perguntei.

– No sentido de que a única forma de pecado que reconheço é aquela com que se faz mal a alguém. Se você, fazendo sexo, não estiver prejudicando ninguém, então não é pecado.

– É fácil dizer, mas tente explicá-lo a Dom Atanásio, o pároco de Santa Lúcia, aquele do São Sebastião.

– O que São Sebastião tem a ver com isso?

– Muita coisa, porque Dom Atanásio, o meu confessor de quando eu era menino, dizia-me que, toda vez que eu cometia um ato impuro solitário, na hora São Sebastião recebia mais uma flechada.

– Nada disso, São Sebastião só é ferido de novo quando, ao cometer o ato impuro, você está fazendo algum mal a outra pessoa. Eu, na vida, só tive experiências amorosas consensuais, e às vezes bem mais do que consensuais. Lembro-me de que, certa noite, uma dama idosa, já perto dos setenta, brindou-me com um aplauso. Obviamente deve ter considerado o meu ato de amor uma espécie de dedicado voluntariado.

– Bom, isso já me parece um tanto exagerado – comentei. – Quer dizer que a gula tampouco é pecado?

– Claro que não: neste momento estou comendo uma pizza margherita *excepcional. Estou por acaso prejudicando alguém? Ninguém mesmo. Sabe de uma coisa, aliás? Vou pedir outra.*

– E a soberba, a preguiça, a ira, a avareza e a inveja?

– A mesma coisa, não são pecados. Na pior das hipóteses podemos dizer que são vícios, a não ser que ao praticá-los estejamos prejudicando alguém. O que realmente importa é que você, antes de fazer alguma coisa, pergunte a si mesmo: "Estou fazendo mal a alguém?" Se a resposta for negativa, pode dormir tranquilo: o Paraíso está à sua espera.

– E a traição amorosa? É pecado ou não é pecado, no seu entender?

– Depende: só é pecado quando acaba sendo descoberta. Nesse caso, com efeito, ela faz sofrer a pessoa traída. Para não mencionar os piores de todos, os sujeitos que primeiro traem e depois, atormentados pelo sentimento de culpa, dizem à mulher: "Querida, há uma coisa que você precisa saber."

– E quanto à droga?

– É pecado.

– E por quê? – perguntei. – Se você toma drogas, não está fazendo mal a ninguém. Só a si mesmo.

– E acha pouco? Quando digo "alguém", neste alguém também incluo a mim mesmo. O suicídio, por exemplo, é pecado.

---

2 *Epicuri de grege porcum* (Horácio, Epi. 4 15).

3 Sigmund Freud, *Coloro che soccombono al successo*, Ed. Boringhieri.

4 Lorenzo Valla, *De voluptate*, III 10.

Marsilio Ficino (1433-1499)

III
MARSILIO FICINO

Marsilio Ficino (1433-1499), não confundir com Marsilio de Pádua, nasceu em Figline Valdarno e era o típico toscano. Além dos livros que escreveu (os *Ermetire*, a *Theologia*, o *Della cristiane religione* e as *Dodici epistole*), tornou-se benemérito traduzindo Platão desde a primeira até a última linha, para então passar a Homero, Proclo e Hesíodo. Se hoje podemos ler os clássicos até na Internet, em parte devemos a ele. Realmente importante, no entanto, foi um ensaio que ele escreveu sobre o amor platônico. (Mas atenção: por amor platônico não devemos entender aquele no qual não se copula, mas sim o que faz com que a alma do homem, graças às asas, consiga alcançar a sua pátria no céu.)

A tarefa fundamental de Marsilio Ficino foi fazer a religião cristã conviver com a filosofia platônica. E, portanto, os dez mandamentos com os *Diálogos*. Para dizer a verdade, preferia Platão a Jesus, mas não deixou isso escapar com medo de que as autoridades eclesiásticas o queimassem vivo como fizeram com outros.

Além de filósofo foi um mágico e um grande cortesão. Assentou-se, com cama, comida e roupa lavada, na corte dos Médici em Florença e dali nunca mais saiu por nada no mundo. E não é só: a sua ideia de conciliar Platão e o Cristianismo (à qual dava o nome de *pia philosophia*) convenceu o seu amo e patrão, Cosme de Médici, a fundar em Correggio, em 1459, uma Academia toda dedicada aos estudos neoplatônicos. Academia essa que o próprio Ficino dirigiu da melhor forma possível. Contam que certo dia chegou a afirmar que o eros é “o expandir-se de Nosso Senhor na Terra”. Pois bem, parece que essa declaração foi recebida pelos alunos presentes com uma verdadeira *standing ovation*. Eram todos homens.

Assim como Platão, não tinha um conceito muito elevado da arte. Uma vez que as sombras, dizia, são a imitação das Ideias, a arte, que por sua vez é a imitação das sombras, nada mais é do que a imitação de uma imitação. Pode ser, digo eu, mas nem todas as imitações são a mesma coisa: as de Caravaggio, por exemplo, deixam você de queixo caído.

Para Marsilio Ficino, o homem é o mais infeliz dos animais: junto com a *imbecillitas corporis*, comum a todos os seres vivos, também possui a *inquietudo animi*, isto é, a consciência de que irá morrer. Um cão não sabe que a morte espera por ele e, portanto, toca a vida tranquilo até o último instante. O homem, por sua vez, quanto mais se aproxima do fim, mais fica tomado de angústia: olha para a própria imagem no espelho e observa a morte em câmara lenta.

O Universo, dizia Marsilio, é formado por cinco níveis, cada um mais elevado do que o anterior, a saber:

1. o Corpo
2. a Qualidade
3. a Alma
4. o Anjo
5. Deus

O Corpo é aquilo que nos condiciona durante a vida inteira com suas exigências primárias,

isto é, com o comer, o beber, o calor excessivo, o frio excessivo, o fazer o amor e assim por diante.

A Qualidade começa a aparecer logo depois de termos satisfeito o Corpo.

A Alma é um reflexo de Deus e uma passagem entre dois mundos: este aqui e o além. É a única capaz de intuir as "coisas" superiores sem por isso ser forçada a abandonar as inferiores.

O Anjo, para dizer a verdade, não entendi direito e o nível de Deus menos ainda. Talvez algum dia, o mais tarde possível, espero, o próprio Marsilio Ficino possa me explicar.

A propósito de Marsilio Ficino,

e da inquietudo animi, *isto é, da consciência de termos de morrer, vejamos um pouco onde estamos nos metendo. Toda noite de sábado, na Itália, registram-se dúzias e mais dúzias de mortes devidas a acidentes na estrada. Trata-se quase sempre de rapazolas de uns vinte anos que, ao saírem das discotecas, enxameiam como alucinados soltando seus carros em grande velocidade. Mesmo conhecendo perfeitamente as estatísticas dos acidentes, eles não se preocupam nem um pouco. Por quê? Porque, de boa-fé, acreditam ser imortais. Em outras palavras, não têm a* inquietudo animi. *Acho que eu também desconhecia o assunto, quando era jovem: ignorava a existência da morte. Agora que estou ficando idoso (ou quase) penso nela quatro vezes por dia. Quem me levou a isso foi Sócrates. "Viver", dizia o grande ateniense, "significa acostumar-se com a ideia da morte." Vamos procurar entender, no entanto, até que ponto a* inquietudo animi *pode influir na nossa maneira de avaliar os fatos.*

Para um italiano de oitenta anos, que só tem cinco anos a menos do que a "vida média", a política assume de repente uma dimensão totalmente nova. Qual diferença pode fazer, para um sujeito de oitenta anos, que o próximo ministro das Relações Exteriores pertença ao Polo ou ao Ulivo?[5] *No passado, digamos talvez em 1948, o seu voto era fundamental. Mas naquela época era preciso escolher entre os Estados Unidos e a União Soviética. Hoje em dia, por sua vez, os grupos políticos são parecidos demais, particularmente quando confrontados com a ideia da morte. Acho melhor parar por aqui, pois do contrário poderei ser acusado da insensibilidade política típica de quem diz "para mim tanto faz", e isso me incomodaria.*

Assim como a política, os demais afazeres cotidianos também sofrem um redimensionamento. Se agora, ao sair de casa, eu descubro que roubaram o meu carro, não vou dizer que vou dar uma gargalhada, mas tampouco arrancarei os cabelos da minha cabeça. Só um filósofo de meia-tigela poderia ficar desesperado com um contratempo desses. Afinal de contas não podemos esquecer que a filosofia é justamente a capacidade de medir a vida com o metro da morte.

Vamos tentar entender, por outro lado, se a depressão também é uma forma de inquietudo animi. *Eu acho que sim, e vejamos por quê.*

A alma humana é parecida com um motorzinho de popa. Para sentir-se bem, precisa funcionar sem nunca superar um certo número de rotações por minuto. A hélice, quando dentro da água, chega a três mil rotações. Quanto mais rápido ela roda, mais rápido o

barco anda. Se a deixarmos rodar fora da água, no entanto, ela supera logo as três mil rotações e então funde. Por quê? Porque foi construída para vencer a resistência da água. Na falta dessa resistência, o motor quebra. Pois bem, a nossa alma foi planejada para que pudéssemos superar as dificuldades da vida. No dia em que tais dificuldades viessem a desaparecer, a nossa alma também rodaria à solta e entraria em depressão. O fenômeno oposto chama-se estresse.

---

5 Coligações de centro-direita e centro-esquerda, respectivamente. (N. do T.)

Pico della Mirândola (1463-1495)

IV
PICO DELLA MIRÂNDOLA

Hoje em dia, quando um sujeito tem boa memória, costumamos dizer na Itália: “Como é, está achando que é Pico della Mirândola?” Contam, com efeito, que este tal de Pico era capaz de recitar de cor o texto em latim da página de um livro que tinha lido uma única vez e que, certo dia, diante do olhar pasmo de um ouvinte, repetiu a façanha, só que ao contrário, ou seja, começando pela última palavra e voltando à primeira. A anedota é tão conhecida que em 1939 o escritor Giovanni Papini mandou desenterrar o crânio do homem para averiguar se era maior do que a média.[6]

Giovanni Pico, príncipe de Mirândola e conde de Concórdia, nasceu num castelo em 24 de fevereiro de 1463, estudou direito canônico em Bolonha, letras em Ferrara, filosofia em Pádua e grego em Pávia. O seu primeiro objetivo foi restabelecer a dignidade do homem enquanto homem. Escreveu a respeito do assunto um ensaio dividido em novecentos capítulos, justamente intitulado *De hominis dignitate*, com a intenção de apresentá-lo em Roma durante um congresso de filósofos. *Magnum miraculum est homo* anunciava o manifesto, para então acrescentar que também os árabes, na pessoa de Abdala Sarraceno, reconheciam que “nada existe no mundo mais esplêndido do que o homem”.

O evento, no entanto, nunca chegou a acontecer, antes disso porque Pico acabara dizendo que o homem era um ser metade divino e metade animal, o que bastou para ele ser acusado de heresia em primeiro grau. Sete das suas teses foram consideradas heréticas por uma comissão pontifícia e, naquela época, infelizmente, sobre tudo aquilo que tinha a ver com Deus, não se podia nem mesmo levantar uma mera hipótese. O nosso filósofo foi preso por ordem de Inocêncio VIII e trancado na fortaleza de Vincennes. Apenas um mês depois, entretanto, Lourenço o Magnífico acolheu-o sob a sua proteção e, na prática, salvou-lhe a vida. Alguns anos mais tarde, finalmente, foi perdoado pelo papa Alexandre VI.

Na verdade, o fato de não ter ido a Roma pode ter tido motivos bastante diferentes. As fofocas do Renascimento italiano, com efeito, contam que uma bonita dama chamada Margarida, mulher de Juliano de Médici, teria combinado um encontro com ele nos arredores da cidade de Arezzo, a caminho de Roma, e que o marido dela, informado, soltou em cima dele um bando de homens armados. No embate foram trucidados nada menos de dezessete soldados da escolta de Pico, e ele mesmo recebeu um ferimento no braço. Acreditando ou não na veracidade da anedota, ninguém pode negar que o príncipe de Mirândola, antes de ser um notável religioso, era um exímio Don Juan. Ora, descendo aos detalhes de sua relação com a nobre Margarida, ele “nunca se atreveu nem mesmo a tocá-la”. Acontece, porém, que escreveu dúzias e mais dúzias de versos para ela, em seguida queimados. “Ao ficarmos sentados em duas selas”, sentenciou Pico, “na Poesia e na Filosofia, corremos o risco de nunca nos tornarmos poetas nem filósofos.”

Eis como ele nos conta a criação do homem:

Deus embelezara com as inteligências a zona hiperurânica. Tinha espalhado almas eternas pelos etéreos globos. Povoara com bandos de animais as partes torpes e ordinárias do mundo inferior. Mas uma vez concluída a obra, quis que houvesse alguém capaz de amar e apreciar sua vastidão e a beleza.

Pelo que ele nos conta, cada um de nós tem dentro de si um anjo e um demônio que não fazem outra coisa a não ser brigar. Se o anjo aconselhar uma coisa, o diabo vem logo sugerir o contrário. Dependerá então do nosso livre-arbítrio escolher qual dos dois está certo. Aqui está um trecho tirado do *De hominis dignitate*:

Ó Adão, Deus não te criou nem celeste nem terreno, nem mortal nem imortal. A ti, e somente a ti, como criador de ti mesmo, caberá escolher a forma que mais te agrada. Poderás degenerar para os níveis mais baixos da vida terrena e te tornares um animal, ou ascender aos mais altos níveis da existência e te tornares uma criatura divina.

Na segunda parte do ensaio, então, Pico exalta a paz mundial e sugere que os leitores recorram à teologia, a única, segundo ele, capaz de afastar a ameaça de uma provável guerra. Ao se ler as suas invocações, quase ouvimos as palavras de papa Wojtyla.

Outro assunto pelo qual ele demonstra uma marcada preferência é a cabala, entendida não como palpite para os números a serem jogados na loto, mas sim como doutrina mística oferecida por Deus para que nos seja possível reconhecê-lo nas entrelinhas de um livro. Não é por acaso que a palavra *Qabbalah*, em hebraico, significa "interpretação". É como se estivesse dizendo que dentro das frases contidas na Bíblia sempre existe a possibilidade de vislumbrar a presença de Deus. Ao que parece, o nosso filósofo estudou o árabe só para poder ler os textos na língua original.

Último traço marcante dele: o desprezo pelos astrólogos, os magos e os cultores de qualquer tipo de fenômeno paranormal. Neste sentido, foi determinante o encontro com Girolamo Savonarola. O frade de Ferrara, com aquele seu caráter intratável e explosivo, mais digno de um tribuno do povo do que de um homem da Igreja, deixou-o profundamente abalado. Naquela ocasião, para usarmos as suas palavras, "senti-me todo comovido até ficar de cabelos arrepiados". Só demorou uma semana para o encontro resultar num libelo intitulado, justamente, *Disputationes adversus astrologiam*. Nesse tratado Pico condena os horóscopos e distingue claramente a astronomia (*ars nobile*) da astrologia (*ars fraudolenta*). Quando alguém lhe contava que um mago anunciara-lhe com um ano de antecedência uma terrível desgraça, ele respondia que não se tratava de uma profecia mas sim de uma mera coincidência. E devo confessar que concordo plenamente com ele.

Por incrível que pareça, até mesmo Girolamo Savonarola, que não tinha elogios para ninguém, sentiu uma certa simpatia pelo jovem Pico. Imaginava-o no Purgatório, e não no Inferno, coisa que para alguém como ele já era a demonstração da mais alta consideração.

Pico della Mirândola morreu com apenas trinta e um anos, em 1495, provavelmente envenenado por dois criados que esperavam herdar alguma coisa. Parece que as suas últimas palavras foram: "A morte não é o fim do sofrimento, mas sim o fim das ofensas dirigidas ao Nosso Senhor."

A propósito de Pico della Mirândola,

de uns dez anos para cá eu tenho sérios problemas de memória. Esqueço tudo, até mesmo as coisas mais importantes. Isso me convenceu de que o nosso cérebro funciona como um computador: uma vez que a memória está cheia, recusa-se a guardar novas lembranças. Ou então, para cada coisa nova que deixa entrar, descarta alguma outra um pouco mais velha. Não me lembro, por exemplo, do rosto das pessoas, às vezes nem mesmo dos amigos. Alguém me disse que se trata de uma doença chamada prosopoagnosia *(na qual* prosopon *quer dizer rosto e* agnosia *significa esquecimento), devida a uma isquemia das veias que levam o sangue ao cérebro. Pico, evidentemente, devia ter uma superabundância de sangue na parte direita do cérebro. Eu careço de sangue por lá. E como se cura a* prosopoagnosia*? Os médicos dizem que basta uma aspirina infantil por dia. Será mesmo?*

A respeito disso, tive uma série de experiências assustadoras: certa vez, num jantar, não reconheci a Sophia Loren. Perguntei: "E a senhora trabalha em quê?", e Sophia achou que eu estava brincando. E pensar que só alguns anos antes eu tinha tido a sorte de fazer dois filmes com ela, e que num deles, Sabato, domenica e lunedi*, eu até tinha sido o seu suposto amante.*

Certa noite, então, não reconheci a minha irmã Clara (a única que tenho). Apresentei-me dizendo: "Muito prazer, De Crescenzo." Ela quase chorou. Depois, falando quase num sopro, disse baixinho: "Luciano, sou eu!"

Cheguei ao máximo, no entanto, certa noite na casa de um amigo. Entrei num quarto escuro para guardar o sobretudo e vislumbrei, no fundo, um homem que conhecia muito bem. Por um instante (só por um instante) disse para mim mesmo: "Este aqui eu conheço." Então, quando acendi a luz, descobri que era eu no espelho.

---

6 Para saber mais, convido o leitor a ler *Pico della Mirandola*, de Jader Jacobelli, ed. Longanesi.

Girolamo Savonarola (1452-1498)

V
GIROLAMO SAVONAROLA

Feio como o diabo, meio amarelado, careca, com um rosto chupado, nariz disforme, ossos salientes e olhar assassino, era o que se costuma chamar de monstro. Desprovido de qualquer *savoir-faire*, atirava-se como uma fera selvagem contra qualquer um que, no seu entender, não estivesse respeitando as leis do Senhor. Esbravejou contra os cardeais que, segundo ele, roubavam e fornicavam, contra os agiotas que pretendiam trinta por cento de juros e contra os príncipes das cortes renascentistas por suas orgias à base de vinho e mulheres. Declarou-se contrário a qualquer tipo de diversão, inclusive os dados, os festejos de Carnaval, o carteado e as corridas de cavalos. Odiava as mulheres que se vendiam e os homens que as compravam. Quis cortar a língua dos blasfemos e dos homossexuais. Não gostava da *Primavera* de Botticelli, da *Volta de Ulisses* de Pinturicchio e dos retratos do Perugino. Enquanto pintavam imagens sacras, tudo bem, mas era só os pintores se afastarem um pouco para outros temas que era um deus nos acuda. Até mesmo a poesia "Quão bela é a juventude", de Lourenço o Magnífico, incomodava-o com sua inerente alegria. Perfeito mesmo, só ele. Mas havia pelo menos um vício bem patente na sua personalidade (que obviamente ele ignorava): o mais total e absoluto desconhecimento da Dúvida, isto é, a falta do primeiro requisito que todo indivíduo intelectualmente honesto deveria possuir.

Nascido em Ferrara em 1452, formado no célebre mosteiro de San Domenico em Bolonha, chegou finalmente ao convento de San Marco de Florença na condição de leitor e pregador. Ao ser promovido prior, em 1491, organizou uma rede de espiões, chamada de "Companhia da Esperança", que o mantinha informado acerca de todos aqueles que, em Florença, cometiam atos impuros. E depois disso ele mesmo se encarregava de espalhar as novidades do púlpito de Santa Maria del Fiore, a catedral. Entregava os culpados citando nomes e sobrenomes, repetindo-os várias vezes para ter certeza de que os ouvintes se lembrassem. Em Florença não havia igreja bastante grande para acomodar todos os que queriam ouvi-lo. Os seus seguidores eram chamados *Piagnoni*, isto é, Chorões (porque costumavam chorar quando ele falava) enquanto os adversários recebiam o nome de *Arrabbiati*, isto é, Zangados (porque ficavam furiosos quando ele esbravejava como um possesso).

Os *Piagnoni* costumavam invadir as residências particulares dos "inimigos", ou os ateliês dos artistas, rasgar quadros e roubar tecidos preciosos, para em seguida queimar tudo em praça pública entre cantorias e gritos de júbilo. Só Deus sabe quantas obras de arte acabaram perdidas por culpa de Savonarola.

O seu inimigo número um era o papa Alexandre VI. O frade pintou e bordou com a reputação dele: disse que era mulherengo, pilantra, praticante de simonia e nepotismo, descrente e assassino. Tudo verdade, que fique bem claro, mas a forma com que falou era o que de mais violento se pode imaginar.

Em dezembro de 1497 Alexandre VI excomungou-o e ele, como resposta, excomungou Alexandre. O jogo, de qualquer forma, concluiu-se com a vitória do Papa: Girolamo Savonarola e os *Piagnoni* foram todos condenados à forca. Descalços e seminus, de crucifixo nas mãos,

foram levados para a praça da Signoria onde, entre uma multidão enlouquecida de alegria, foram recebidos com fartura de pedras, cusparadas e excrementos. Os corpos foram queimados e as cinzas jogadas no rio Arno. Era o mês de maio de 1498.

Leonardo da Vinci (1452-1519)

VI
LEONARDO DA VINCI

Num dos últimos concursos de Miss Itália, perguntaram a uma das concorrentes quem era Leonardo da Vinci e a jovem respondeu: “Um aeroporto.” Diante disso, tudo indica que alguém tem de contar com a maior urgência às novas gerações quem foi e o que fez de tão importante o maior gênio do Renascimento italiano.

Leonardo, filho ilegítimo de um fidalgo, Piero da Vinci, nasceu em 1452 nos arredores de Florença, como consequência de “uma pulada de cerca” do pai com uma jovem camponesa chamada Catarina. Tudo aconteceu num celeiro, em pleno verão, logo no começo da tarde. Então, para ressarci-la da virgindade perdida, o nosso nobre Piero obrigou um dos seus feitores, um tal de Acattabriga, a casar-se com ela.

Conforme as tradições da família, Leonardo deveria ter-se tornado tabelião. Antes dele, com efeito, este havia sido o ofício do tataravô, do avô e do pai. Acontece, entretanto, que ele demonstrou desde pequeno tamanho pendor para o desenho que seu pai decidiu apresentá-lo a Andrea del Verrocchio, o mais notável escultor de Florença na época. E foi assim que Leonardo, ainda menor de idade, entrou como aprendiz num ateliê de arte. A bem da verdade, é preciso dizer que naquele tempo tanto a pintura quanto a escultura eram consideradas uma espécie de artesanato, quase como a marcenaria, e “entrar num ateliê” era praticamente o mesmo que arrumar um trabalho. Ele, no entanto, era tão bom, mas tão bom, que não podia passar despercebido. Segundo o relato que nos dá Vasari, certo dia pintou um anjo numa tela que representava o batismo de Jesus, e o pintou tão bem que Verrocchio não pôde deixar de exclamar:

Perfeito! É realmente perfeito! Depois disso, não quero mais pintar. Ordeno que esse Leonardo cubra com suas próprias cores todo o resto do quadro.

Depois disso, promoveu-o ao andar de cima, aquele onde trabalhavam os artistas mais dotados. Pois é preciso dizer que o ateliê de Verrocchio tinha dois andares: o térreo, onde se cuidava das tarefas mais humildes, como preparar as telas, criar as gradações de cor e pregar as molduras, e o primeiro andar, onde se desenvolvia o trabalho de verdade.

Leonardo preferia a pintura à escultura. Certo dia disse:

Cria menos problemas. O escultor vive com a cara suja de poeira e fica o tempo todo coberto de lascas miúdas. Com o pintor, por sua vez, acontece o contrário. Ele fica tranquilamente diante da tela e pinta. O pintor anda bem-vestido e mexe o leve pincel com suas vagas cores.

A pintura, de qualquer maneira, não foi a sua única atividade. Agora, querer fazer uma lista de todos os ofícios desempenhados por Leonardo não é nada fácil. Além de pintor e escultor, também foi matemático, anatomista, botânico, fisiologista, escritor, filósofo, geólogo, engenheiro hidráulico, poeta, mecânico, cenógrafo, arquiteto, inventor de máquinas de guerra e até músico. Desenhou helicópteros, escavadeiras, aviões, paraquedas, trajes de mergulho,

submarinos, aeróstatos, canhões de múltiplas bocas, tanques de guerra, instrumentos de precisão, aquecedores, escadas em caracol (veja-se, por exemplo, o castelo de Chambord) e esgotos sanitários. Hoje em dia, quando um homem faz mais de uma coisa, recebe os mais variados atributos, desde multifacetado até sabe-tudo, e nem sempre esse sabe-tudo tem uma conotação apreciativa. Pois bem, fique bem claro que Leonardo foi o mais incrivelmente multifacetado e polimorfo sabe-tudo de todos os tempos.

Um autor de romances de ficção científica, Manley Wade Wellmann, numa das suas obras, conta que certo dia um americano conseguiu descobrir um meio para viajar no tempo. Então viajou para a Florença do fim do século XV onde, recorrendo a tudo aquilo que tinha aprendido na sua própria época, desenhou dúzias e mais dúzias de invenções, assinando-as todas com o pseudônimo Leonardo da Vinci.

A regra número um de Leonardo era a proporção: quer pintasse um quadro, quer projetasse uma catapulta, as proporções entre o centro e o resto da obra eram sempre perfeitas. E não era só isso: em cada trabalho havia alguma coisinha a mais que o tornava inesquecível. Vamos examinar, por exemplo, alguns dos seus mais conhecidos retratos: a *Mona Lisa*, a *Genebra* e a *Dama com arminho*. Todas as três senhoras mencionadas mostram-se pensativas e talvez sorrindo. Mas no que estão pensando? E por que sorriem? Será que o responsável pelos pensamentos delas é Leonardo? E qual seria o motivo? Quem responde às perguntas é o próprio Freud: "Na expressão da beldade florentina vêm à tona os contrastes da vida amorosa feminina. Há recato e sedução, ternura e sensualidade."

Alguém chegou a afirmar que na *Mona Lisa* Leonardo quis retratar a si mesmo. Ele afirmava que a pintura era filha das coisas; que por sua vez eram filhas da Natureza, o que equivalia a dizer que a Natureza era a avó da pintura. Então fazia questão de dizer que quando se pinta, trabalha-se sempre sobre duas dimensões; quando se olha, trabalha-se sobre três. O artista, portanto, precisa levar em conta ambas as exigências, respeitando ao mesmo tempo tanto as duas dimensões do quadro quanto as três dimensões da vista.

No *Tratado sobre a pintura* Leonardo diz:

O bom pintor sempre pinta duas coisas, o homem e o conceito que tem em sua mente.

Nem sempre, entretanto, tudo correu bem com ele. Aos vinte anos, devido a uma denúncia anônima, foi acusado junto com mais três companheiros de ateliê de sujeitar a atos de sodomia um jovem modelo chamado Jacopo. A acusação não seguiu adiante por falta de provas, mas era na verdade bastante crível. Não era por acaso que, na época, a sodomia era conhecida como *"o vício florentino"*. O episódio, de qualquer maneira, provocou uma violenta briga com o pai e a subsequente decisão por parte de Leonardo de ir morar por conta própria.

Em 1482, Lourenço o Magnífico enviou-o a Milão a fim de levar um alaúde de prata como presente para Ludovico o Mouro, senhor da cidade. Começou então o período milanês durante o qual Leonardo também se tornou tocador de alaúde e engenheiro militar às ordens da família Sforza. Quer dizer, entre um acorde e outro planejava fortificações e desenhava bombardas.

Pelo que Vasari nos conta, também era muito bom nas caricaturas. Se porventura encontrasse na rua uma pessoa de cara engraçada, ia atrás dela por horas a fio, para então voltar para casa e reproduzir seus traços fielmente. Há um desenho dele com seis rostos, cada um mais engraçado do que o outro. Se estivesse vivo, entre muitas outras coisas, suas charges apareceriam sem dúvida alguma nas primeiras páginas dos jornais.

Tinha um caráter alegre e despreocupado. Gostava de brincar e até de contar piadas. Na trilha do dia VI do *Decameron* de Boccaccio, às vezes podia tornar-se até vulgar. Numa anotação marginal sua, lê-se: *"Nuovo cazzo, cazzuolo, cazzallone, cazzatello, cazzata, cazzelleria, cazzo inferrigno e cazzo erbato."*[7] Onde queria chegar, com isso, não sei, mas gosto de pensar que um sujeito como ele ainda achava graça em besteiras como essa.

Do fato de Leonardo ser homossexual, ninguém duvida. Nem por isso, no entanto, devemos pensar que o sexo fosse um dos interesses maiores na sua vida. Num escrito, aliás, declara-se explicitamente contrário às relações sexuais dizendo:

O ato do coito e os membros que dele participam são tão horrendos que, não fosse pela beleza dos rostos, a espécie humana já se teria extinguido há muito tempo.

Mesmo assim, em 1490, acolheu em seu ateliê um tal de Giacomo, também conhecido como Salaì, um efebo de dez anos de extraordinária beleza com a cabeça cheia de caracóis dourados. O pirralho, no entanto, dia sim dia não, roubava alguma coisa. Leonardo escreve:

Ontem Giacomo roubou-me quatro liras. Não consegui fazer com que confessasse, mas tenho absoluta certeza disto. É um grande mentiroso, um ladrãozinho incorrigível e guloso!

Freud conta que ao longo da vida ele teve vários discípulos, todos eles muito jovens e muito bonitos:

Era benévolo e indulgente, cuidava deles com o maior carinho tratando-os quando estavam doentes com a mesma dedicação de uma mãe. Uma vez que os escolhera somente pela beleza, e não pelo talento, nenhum dos seus alunos chegou a tornar-se um grande pintor.

O último dos rapazolas chamava-se Francesco Melzi. Levou-o consigo a Amboise, para o castelo de Cloux, onde se abrigara após os atritos com os Sforza. O jovem ficou ao seu lado até o fim e se tornou o seu herdeiro.

O que dizer? Absolutamente nada, pois, levando em conta tudo aquilo que nos deixou, perdoo-lhe qualquer coisa, admitindo que haja de fato algo que precise ser perdoado.

A propósito de Leonardo da Vinci,

desde sempre venho perguntando a mim mesmo por que eu também não sou homossexual. Que eu saiba, todos os meus queridos filósofos gregos eram pelo menos bissexuais, e não sentiam a menor vergonha ao admiti-lo. Então, com a Igreja entrando em campo, toda e qualquer forma de sexo que não tivesse como fim a procriação foi criminalizada. Ainda em relação aos gregos, realmente formidável é o final do Banquete. *Estavam todos reunidos, conversando sobre o amor, quando chega Alcibíades acompanhado pelo seu séquito de admiradores. Está meio embriagado. Uma tocadora de flauta ampara-o para que não caia ao chão. Entra e, logo que repara em Sócrates sentado ao lado de Agatão, aborda-o.*

– Eu sabia – grita –, sentaste ao lado do mais bonito. Não sabes mais o que inventar para

conseguir aquilo que deseja.

Então, dirigindo-se aos demais filósofos, acrescenta:

– Estão vendo este homem? Eu o amo. Para mim ele é mais fascinante do que Mársia, que recorria à música para encantar os homens, enquanto este aqui recorre à palavra. Quando ele fala, a minha alma começa a dançar e fico espontaneamente com os olhos cheios de lágrimas. Vós nem podeis imaginar, no entanto, como ele me faz sofrer! Já não sei mais o que inventar para ficar perto dele. Certa vez, no ginásio, ficamos nos exercitando juntos, lutamos um agarrado no outro, e ele nada, como se eu nem estivesse ali. Numa outra ocasião convidei-o para a minha casa, justamente como faria um amante que apronta uma armadilha para o amado, mas nada aconteceu. Deitamos na mesma cama, mas ele esquivou-se. Só me disse: "Ó Alcibíades, tu gostarias de trocar a tua beleza pelas minhas ideias. Seria como permutar cobre por ouro. Não me convém."

Esquecendo Sócrates, há um episódio da minha infância que a meu ver foi determinante. Estava no quarto ano do primário quando certo dia um colega voltou do banheiro dizendo: "De Simone segurou o meu pinto."

Pois bem, a partir daquele dia, o coitado do De Simone nunca mais foi deixado em paz. Toda vez que o pessoal saía do colégio, a turma inteira ficava em volta dele gritando: "Bicha, bicha, bicha!"

E ele, coitado, ficava vermelho como um pimentão. Diante daquilo, cheguei à conclusão de que na vida não poderia haver coisa pior do que ser bicha. Pior, portanto, do que ladrão, idiota e criminoso. E foi assim que eu fiz a minha escolha sexual. Se tivesse vivido na Grécia do século V a.C., talvez teria sido como Alcibíades.

---

7 Algo parecido com: *Novo caralho, picareta, caralhão, caralheto, coisa feita com o caralho, do caralho, vara de ferro e vara floreal.* (N. do T.)

Lourenço o Magnífico (1449-1492)

VII
LOURENÇO O MAGNÍFICO

Não acredito na reencarnação: mesmo que eu já tivesse vivido antes, de que isso me adiantaria se não conseguisse lembrar coisa alguma da minha vida anterior? O ser humano não é o coração, o fígado ou os pulmões – coisas que se podem transplantar –, o ser humano é o cérebro, e, portanto, a memória também. Se não houver transmigração de memória, o resultado será outro homem. De qualquer maneira, se me forçassem a escolher alguém do passado de quem eu gosto, escolheria sem dúvida alguma Lourenço o Magnífico.

Em química, costuma-se chamar de catalisador um elemento capaz de acelerar os processos em andamento. Em outras palavras, uma espécie de substância milagrosa na presença da qual as forças boas interagem ativamente e se integram entre si. Pois bem, Lourenço o Magnífico foi o catalisador do Renascimento. Antes mesmo de se dedicar à política, reuniu à sua volta em Florença tudo o que havia de melhor no que dizia respeito à arte e à cultura. O amor pela arte, nele, era imensamente maior do que o desejo do poder. Guicciardini definiu-o como “o fiel da balança” da cultura italiana. Claro que ele também teve a sorte de nascer numa família rica como a dos Médici, mas logo demonstrou claramente merecer sem a menor dúvida esse berço.

Vamos deixar logo bem claro: Lourenço não era um filósofo. A filosofia renascentista, entretanto, nunca teria chegado a ser o que foi sem ele. Protegeu os humanistas do seu século, entre os quais Marsilio Ficino e Pico della Mirândola, e os mais sublimes artistas, entre os quais Leonardo, Poliziano e Pulci. Teve dois filhos, nenhum dos quais, no entanto, chegou realmente a parecer-se com ele: o primeiro, Piero, foi um tremendo farrista e criador de casos; o segundo, Giovanni, um religioso que não podia ser mais carola, tanto que acabou sendo eleito Papa com o nome de Leão X.

Hoje em dia lembramos o Magnífico sobretudo pelos famosos versos com que exalta a beleza e a vida:

Quão bela a juventude
Que de nós foge, todavia!
Quem quiser ser alegre, seja:
Pois do amanhã não há certeza.

Também escreveu *Il simposio*, *La caccia col falcone, I canti carnascialeschi* e um ensaio intitulado *Altercazione* no qual faz o elogio do amor platônico. Para sermos mais precisos, escreveu nele estes dois versos:

Amando Deus nos convertemos
E amando o amor nos dilatamos.

Não teve muita sorte. Viveu pouco mais de quarenta anos. Os historiadores contam que, quando começou a passar mal, um cometa apareceu no meio do céu, assim como já acontecera com Júlio César. Chamaram um grande médico que receitou uma poção milagrosa feita de

pérolas e diamantes moídos. Ele a tomou e morreu. Era o ano de 1492, o mesmo em que Colombo descobria a América.

A propósito de Lourenço o Magnífico,

o "Quão bela é a juventude" deixa-me pensativo. Antes de mais nada, fico imaginando se a juventude é realmente tão bela. A minha vontade seria responder logo que sim, mas então penso melhor e começo a ter minhas dúvidas.

Começamos sendo bonitos quando jovens e passamos a ser cada vez mais "feinhos" com o passar do tempo. Em compensação, nascemos bastante limitados mentalmente para em seguida nos tornarmos inteligentes. Deve ser por isso que nós, idosos, ficamos comovidos pelo menos uma vez por dia. Já vi gente velha chorar até assistindo a um desenho animado.

As mulheres, em particular, quanto mais moças elas são, mais bonitas. Quanto a esse assunto específico, há dois episódios que eu faço questão de contar: certo dia fui visitar a minha tia Assunta, mulher de oitenta e seis anos com dois diplomas universitários. Vive num asilo para pessoas idosas chamado Vila Pace, não muito longe de Nápoles. A tia Assunta apresentou-me as amigas, todas na casa dos oitenta. Era um lindo dia de sol e almoçamos ao ar livre. Falamos do Norte, do Sul, de política, de televisão e até de Nietzsche. Pareciam-me, todas elas, extremamente lúcidas e atentas, e mesmo assim saí de lá com o coração em pedaços: eu acabara de almoçar com pessoas que, de algum modo, já tinham chegado ao fim das suas existências. Por contraste, lembrei-me de outra ocasião, quando fui convidado a participar do programa de televisão Non è la Rai *de Gianni Boncompagni. Lá também só havia mulheres, mas tinham todas entre dezesseis e vinte anos. Pois bem, digamos a verdade: as garotas de Boncompagni eram bastante bobinhas e avoadas. Riam de qualquer coisa e se agitavam todas ao som da música. Que diferença com os xales, os óculos de fundo de garrafa e as bengalas das amigas da tia Assunta! Ao contrário do que acontecera em Vila Pace, no entanto, eu saí dos estúdios da televisão todo alegre e satisfeito. Por quê? Porque estava sendo levado pelo meu subconsciente. Aquele ser bastante simplório, para não dizer idiota, que temos dentro do cérebro. Para ele, para o meu subconsciente, as amigas da tia Assunta representavam a morte, enquanto as mocinhas de Boncompagni representavam a vida.*

A beleza poderia ser usada como ponto de referência para medirmos o tempo.

Às vezes gosto de sentar numa mureta em Via Caracciolo, em Nápoles, só para ver as pessoas que passam. Vejo uma moça jovem e bonita, de mãos dadas com um rapazola. Não param de rir e cochichar. Olho para as mãos deles. Entrelaçam os dedos. Estão felizes. Sorte deles. Então reparo num menino com a mãe: deve ter no máximo dois anos e é a coisa mais linda que pode haver no mundo. Até mais bonita do que o Vesúvio. Talvez algum dia ele também vá sofrer de hérnia na coluna, como eu, mas agora está feliz: corre atrás de um cachorrinho. O cachorrinho também está feliz. E lá aparece um senhor de idade. Deve estar com quase noventa anos. Apoia-se no braço de uma mulher que anda ao seu lado. Talvez seja o pai dela. A diferença de idade, contudo, parece-me grande demais.

Talvez seja seu avô. Ele também, algum dia, deve ter sido jovem e bonito. Deve ter ficado esperando pelo seu primeiro amor na saída da escola. Deve ter dito "Te amo", ficando todo vermelho. Então o tempo passou e a lembrança perdeu-se no passado.

Olho os táxis que passam. Até eles parecem mais velhos: cinquenta anos atrás eram verdes, há vinte anos eram amarelos e agora são brancos. Como os meus cabelos, afinal de contas.

Sozinha, no entanto, a beleza não basta para nos tornar felizes. Ela é condicionada pelos sentimentos. A única verdadeira diferença consiste no fato de a beleza ser visível, enquanto não dá para ver os sentimentos. Escreve, a esse propósito, Lourenço o Magnífico:

Se de todos a interna aflição
se visse estampada no rosto,
de muitos que inveja nos dão
só sentiríamos comiseração.

Certo dia o meu amado professor Caccioppoli, para explicar melhor a média das médias aritméticas, disse-me: "As alegrias da vida chegam quase sempre quando somos jovens. As dores, por sua vez, quando envelhecemos. Se quiser melhorar a qualidade média da sua vida, mate-se logo." E, com efeito, ele se matou com a idade de cinquenta e cinco anos.

Pietro Pomponazzi (1462-1525)

VIII
PIETRO POMPONAZZI

Pietro Pomponazzi, também conhecido como o Peretto, nasceu em Mântua em 1462 e passou a vida inteira sem nunca se afastar muito de casa. Ensinou filosofia na Universidade de Pádua e, pelo que contam, nas esquinas das ruas também. Bastava encontrá-lo, fazer-lhe uma pergunta qualquer, e ele começava logo a falar, citando sempre Aristóteles.

Naquela época, nas universidades italianas, existia a figura do *cuncurrens*, isto é, de um letrado que ao longo da aula contestava as teses expostas pelo *magister*. Pois bem, certo dia, após uma briga feroz com o seu *cuncurrens*, Pomponazzi decidiu deixar Pádua e ir para Ferrara. Ali, como era costumeiro acontecer com os intelectuais, instalou-se na casa do príncipe de Carpi e viveu de rendas até que lhe foi oferecido o cargo de professor na Universidade de Bolonha. Ele aceitou, desde que não houvesse nenhum *cuncurrens* enchendo seu saco.

Do ponto de vista religioso, estava convencido de que Deus criara o mundo de uma só vez para logo a seguir desinteressar-se completamente por ele. Quem sabe por falta de tempo. O homem, portanto, era para Pomponazzi o único responsável por tudo o que lhe aconteceria na vida. Pior para ele no caso de portar-se mal. Sobre esse conceito escreveu alguns ensaios, a saber, o *De libero arbitrio*, o *De fato* e o *De incantationibus*.

O seu livro mais importante, no entanto, foi o *De immortalitate animae*, um texto no qual afirma sem meias palavras que, ao contrário do que todos pensavam, a alma morre junto com o corpo para então dissolver-se no ar, e isso foi mais do que suficiente para ele ganhar o seu lugar no índex.

Pomponazzi diz que existem dois critérios para explicar os eventos, o primeiro é a Fé e o segundo, a Razão. Se nos basearmos na Fé, podemos crer nos milagres, mas se confiarmos na Razão já não podemos. No máximo podemos creditar certos acontecimentos à influência dos astros. Até as religiões, afirmava, nascem e morrem graças aos movimentos celestes. Quer dizer, ele não acreditava nos santos mas acreditava nos horóscopos.

Do mesmo modo que Sócrates, acreditava que na vida o verdadeiro prêmio pela virtude consistia na própria virtude, e que só um animal pode preferir a maldade à bondade. Por outro lado, justamente por ser filósofo, não podia evitar certas perguntas a respeito da alma: existe ou não existe? E se existe, é mortal ou imortal? É uma alma eterna, trabalhando em tempo integral, ou uma alma mais ou menos, só de meio expediente?

Para Aristóteles existiam três tipos de alma: a alma *racional* (a dos homens), a alma *sensitiva* (a dos animais) e a alma *vegetativa* (a das plantas). Ele só tinha alguma dúvida quanto à alma das esponjas, e para dizer a verdade devo confessar que eu também nunca consegui entender direito se as esponjas são plantas ou animais.

A alma de Pomponazzi, por sua vez, nada tinha a ver com a aristotélica. Era alguma coisa que ficava mais ou menos no meio entre o material e o imaterial. Digamos que ficava no limiar entre duas naturezas diferentes: ele a imaginava imaterial ao compará-la com o material, e material quando a comparava com o imaterial.

Tudo isso, obviamente, soava terrivelmente irritante para a Igreja, que considerava a

imortalidade da alma o requisito básico da religião. Defender que a alma não sobrevivia depois da morte do corpo equivalia a negar todo o mecanismo de prêmios e castigos cantado por Dante Alighieri.

Pomponazzi empenhou-se ao máximo para conciliar Aristóteles com o Cristianismo, mas por mais que se esforçasse nunca conseguiu fazer com que coexistissem. Chegou até a dizer que a alma *odorat*, ou seja, cheira à imortalidade, mas nem por isso a Igreja decidiu fazer vista grossa: os seus livros foram queimados em praça pública, em Veneza, entre alas de padres que salmodiavam e no meio de uma multidão de lázaros que cuspiam em cima deles.

A propósito de Pietro Pomponazzi,

vamos falar sobre a alma: existe ou não existe? E se existir, é mortal ou imortal? Pois bem, acreditem ou não, essa é a pergunta para a qual, a partir de Platão, todos ou quase todos os pensadores do passado procuraram encontrar uma resposta. Vamos ver se, pensando um pouco no assunto, nós também podemos chegar a alguma conclusão.

Antes de mais nada, tentemos entender em qual parte do corpo se encontra a alma. Não no coração, obviamente, que não passa de uma bomba, aliás até bastante idiota. Não no cérebro que, mais cedo ou mais tarde (quanto mais tarde, melhor), acabará fatalmente sendo comido pelos vermes. Não no ar que nos cerca, que ao que tudo indica tampouco tem um futuro muito promissor, coitadinho. Que morremos, disto não duvidamos. Também sabemos que algum dia os átomos de que somos feitos acabarão se espalhando por aí. Só nos resta pensar, portanto, que uma cópia incorpórea de nós mesmos se muda para algum outro Universo. Mas qual?

Uns dizem que a alma existe desde sempre, que se infiltrou no corpo do homem em tempos remotos, podendo até transferir-se de uma para outra geração. Mas quando foi que entrou pela primeira vez? Dois milhões de anos atrás, quando eu bancava o homo habilis, *ou um milhão e meio de anos atrás, quando me levantei sobre as patas traseiras e entrei em cena como* homo erectus*? Ou somente anteontem (há uns cem mil anos), quando todos me chamavam de homem de Neanderthal? Quer dizer, então, que os animais também têm uma alma? Francamente, não creio... as baratas, por exemplo, acho muito difícil... talvez os cães.*

A última chance que nos resta é o além. Do que se trata? O lado de lá, admitindo que exista, é diferente do lado de cá. O mundo no qual vivemos é feito de quatro dimensões, três de espaço e uma de tempo. O além, por sua vez, poderia ter muitas mais dimensões, talvez dez ou vinte, e mesmo assim não ter o tempo. Não faz sentido, portanto, perguntar para onde iremos "depois" ou onde estávamos "antes", uma vez que tanto o "depois" quanto o "antes" são conceitos que têm a ver com o tempo.

Só de uma coisa podemos ter certeza: até hoje nunca conseguimos entrar em contato com os que estão do lado de lá, apesar de todas as lorotas dos médiuns, dos mágicos e de todos os embusteiros deste mundo. Nem mesmo com os celulares, conseguimos. Talvez não saibamos o código de área.

Erasmo de Roterdam (1466-1536)

IX
ERASMO DE ROTERDAM

Erasmo nasceu em Roterdam em 1466. Filho de um encontro casual entre uma viúva chamada Margarida e um padre que deixara a batina chamado Rotger Geertzs (fato que desde a mais tenra infância foi para ele motivo de um terrível complexo de inferioridade), com a idade de quinze anos foi enviado a um mosteiro pelos tios, eles também sacerdotes, que logo aproveitaram para surrupiar sua herança. Talvez por isso que, a partir daquele instante, passou a odiar visceralmente todos os padres que apareciam no seu caminho. Isso não quer dizer que não acreditasse em Deus, muito pelo contrário, mas a sua fé só levava em conta as palavras ditas por Jesus.

No mosteiro ficou muito amigo de seu companheiro de cela, Servácio. Chamar isso de amizade talvez seja um tanto redutivo, uma vez que mais tarde, quando alguém mencionava o nome de Servácio, ele logo caía em prantos. Isso não quer dizer que houvesse uma relação homossexual entre os dois, pois parece, aliás, que Erasmo só frequentava prostitutas. Mas é preciso lembrar que naquela época amizades tão profundas entre homens eram relativamente comuns. Huizinga conta que no século XVI muitos pares de amigos compartilhavam a comida, a cama, o quarto e até chegavam a vestir-se com as mesmas cores.

Com o passar do tempo, começou a achar os muros do mosteiro um tanto apertados, e então passou a viajar como um possesso. Não conseguia ficar parado no mesmo lugar por mais de uma semana: de Roterdam ia a Paris, de Paris para Londres, de Londres partia para Roma, de onde voltava novamente a Paris ou Londres quase sem desfazer as malas.

De tanto viajar, acabou conhecendo várias pessoas interessantes, entre as quais uma das mais marcantes foi um lorde inglês, Thomas More, do qual continuou amigo pelo resto da vida. More tinha muitos traços em comum com Erasmo: eram ambos religiosos, e ambos inimigos da religião, pelo menos a gerenciada pelas autoridades eclesiásticas.

Sua disputa interminável com Lutero ficou famosa. Erasmo acreditava na responsabilidade do homem e Lutero na predestinação. Escreveram dois ensaios nos quais disseram cobras e lagartos um do outro. O texto de Erasmo era intitulado *De libero arbitrio*; o de Lutero, *De servo arbitrio*.

No que nos diz respeito, no entanto, o único livro que realmente interessa é o *Elogio da loucura*. Foi publicado em doze línguas e teve quarenta edições. Erasmo dedicou-o ao amigo More com o pretexto de *moros*, em grego, significar “louco”. Teve a ideia enquanto estava atravessando os Alpes a cavalo. Sentado na sela, não podia fazer outra coisa a não ser pensar, mas logo que botou novamente os pés no chão começou a escrever. Concluiu a obra em Londres. A loucura é a protagonista do livro.

Desde as primeiras páginas a formosa dama apresenta-se dizendo que tudo aquilo que na vida merece ser vivido é obra dela. Em seguida, passa e enumerar um por um os próprios méritos.

Por que nascemos? Porque no devido tempo os nossos pais apaixonaram-se um pelo outro. E o que mais é o amor se não uma forma de loucura? Gostamos de música? Não foi um louco

aquele que certo dia fechou os olhos para inspirar-se a compor? Visitamos um museu e ficamos extasiados diante de uma escultura de Fídias ou uma pintura de Michelangelo. E o que mais são a pintura e a escultura se não uma manifestação da sua presença? E o mesmo acontece com todas as coisas que de alguma forma dão sabor à vida: o amável convívio, o sexo, a fama, a juventude, a vaidade, o circo, a superstição, o jogo de azar e até mesmo a religião. "*A Sabedoria está para a Loucura*", dizia Erasmo, "*assim como a Razão está para o Sentimento*."[8] Se pararmos um momento para pensar, nos daremos conta disso.

No décimo primeiro capítulo do *Elogio*, Erasmo diz mais ou menos o seguinte:

A cabeça, o rosto, o coração, as mãos, os ouvidos são partes do corpo extremamente dignas; nenhuma delas, no entanto, é capaz de gerar um homem ou uma mulher. Somente um membro de aparência ridícula é capaz de fazê-lo, e não se pode mencioná-lo sem provocar risos.

[...] Por outro lado, ninguém enfiaria a cabeça no cabresto do casamento se não tivesse completamente enlouquecido, e nenhuma mulher entraria na cama de um homem se pensasse nas dores do parto e nos aborrecimentos para criar os filhos. A vida, portanto, é bela somente quando esquecemos o raciocínio. E podem tranquilamente jogar às urtigas o número quaternário de Pitágoras![9]

Da mesma opinião é Platão quando faz dizer Sócrates:

Os grandes feitos são o fruto da Loucura que os Deuses concederam aos homens, assim como é obra da loucura o amor que um ser humano sente por outro ser humano.[10]

Por outro lado, ultimamente, descobriu-se que tanto o ato de apaixonar-se quanto a loucura são gerados pelo mesmo hormônio, a oxitocina, que, quando produzida em excesso pela hipófise, estimula o útero e altera o funcionamento do cérebro. Fica então a dúvida: o que acontece primeiro, a Loucura ou a paixão? Para Erasmo, era a Loucura, para o ator cômico napolitano Nino Taranto, por sua vez, era o contrário: primeiro nos apaixonamos e depois, nos dias seguintes, tornamo-nos doidos furiosos. Numa célebre canção dos anos 1940 ele diz:

A cara de louco eu fiz para ti.
O rosto de doido, eu guardo para ti,
Já vendi trezentas carroças,
Três penas de avestruz
E um chapéu requintado
Mas é para ti que guardei
Esta máscara de aloprado.

E por falar em loucura, vamos encerrar com uma curiosidade. Entre os inúmeros admiradores de Erasmo temos também o ex-primeiro-ministro da Itália, Silvio Berlusconi. Existe, com efeito, um prefácio dele a uma edição do *Elogio* no qual confessa que obteve os seus melhores resultados quando seguiu mais os conselhos do coração do que os da razão.

Além do *Elogio* e do *De libero arbitrio* (ao qual Lutero responderia polemicamente com o *De servo arbitrio*), Erasmo escreveu *adagia* e um livro de aforismos intitulado *Enchiridian militis christiani*. Um texto no qual o primeiro conselho é o de nomear um príncipe que esteja à altura do cargo.

A quem confiamos o leme durante a navegação?
A quem sabe governar um navio ou a quem se sobressai por beleza e nobreza de berço?

Seguem-se mais centenas de conselhos, todos mais ou menos óbvios como este.
É bom lembrar, também, dois escritos nos quais Erasmo fala do matrimônio e do divórcio. No *Christiani matrimonii institutio*, ele afirma que em todo relacionamento o diálogo é muito mais importante do que a beleza, e nos *Colóquios* examina um caso particular.

GABRIEL: Uma jovem que se casa com um empestado tem ou não tem o direito de divorciar?
PETRÔNIO: Não tem. O matrimônio é sagrado e não pode ser rescindido por motivo algum.
GABRIEL: Mesmo se o marido não tiver contado que sofria da doença? Ainda é sagrado um matrimônio baseado no engano?

Meus bons leitores, antes de pensarem em casar ou divorciar, leiam Erasmo e perguntem a si mesmos se é mais louco o casamento ou o divórcio.

A propósito de Erasmo de Roterdam,

vamos tentar descobrir, primeiramente, o que afinal vem a ser o livre-arbítrio.
Vamos supor que eu queira ganhar o contrato para a próxima construção da ponte sobre o canal de Messina. Já tenho os capitais, os estudos estão prontos, e disponho de muitos políticos que se declaram a meu favor. O único que se opõe é aquele sujeitinho seboso chamado doutor Espósito, diretor geral do Ministério de Obras Públicas. Diz que não tem a menor confiança em mim e que, enquanto ele estiver ali, do contrato eu nem vou sentir o cheiro.
Há três formas de eu fazer com que mude de ideia: convencê-lo expondo da melhor maneira possível o meu projeto, corrompê-lo com um monte de dinheiro ou matá-lo recorrendo a algum assassino da máfia. Nessa altura entra em cena o meu livre-arbítrio e, conforme a escolha, eu irei ao Paraíso, ao Purgatório ou ao Inferno.
Principal objeção em relação aos que acreditam no livre-arbítrio: se Deus é de fato onipotente e, principalmente, se é onisciente como eles afirmam, Ele já sabe qual será a minha escolha. De que adianta, então, eu escolher a opção do convencimento ou a da corrupção ou a do assassinato? Eu só poderei levar adiante aquilo que já foi estabelecido por Ele: sou apenas um executor dos seus desígnios.
E lá vem chegando, de mansinho, o De servo arbitrio *de Lutero.*

Vamos ver, por outro lado, como convencer o homem a escolher o caminho que mais lhe convém. Muito fácil: basta aceitar os conselhos de Sócrates. O grande ateniense dizia: "Fazer o bem é sempre a melhor escolha, e não para merecer os Campos Elísios, mas sim porque comportando-se bem com os nossos similares, vive-se melhor."
Vamos examinar, então, a vida de um mafioso: é a pior que se possa imaginar. Vive se escondendo o tempo todo para não ser preso, mais cedo ou mais tarde acaba no cárcere, está sujeito a vinganças colaterais e pode sempre ser morto pela concorrência. A própria expectativa de vida dele é mais curta. Parece, com efeito, que a dos criminosos é de sessenta

e um anos, enquanto a das pessoas de bem chega aos oitenta e dois.

Se, no entanto, pudéssemos pedir uma pequena ajuda a Deus, gostaria de ter na vida um acompanhamento musical, como o dos filmes. Explico: se ao atravessar uma rua eu ouvisse por um momento uns acordes dramáticos, já saberia de antemão que um carro está a ponto de atropelar-me; e se então, pior ainda, ao encontrar uma bonita mulher houvesse violinos tocando, ficaria logo sabendo dos perigos de uma eventual paixão e teria todo o tempo do mundo para fugir.

---

8 Johann Huizinga, *Erasmo*, edizione Einaudi, p. 86.
9 Erasmo, *L'elogio della follia*, ed. Mursia, par. XI.
10 Platão, *Fedro*, 245 XXIII.

Thomas More (1480-1535)

X
THOMAS MORE

Thomas More (1480-1535) era um lorde, talvez o primeiro lorde da história da filosofia. Nasceu em Londres e, assim como o seu mestre Erasmo, mantinha um relacionamento difícil com a Igreja: era ao mesmo tempo crente e descrente, dependendo de se estamos nos referindo aos textos sagrados ou a autoridades eclesiásticas. Infelizmente, tampouco se dava muito bem com as altas esferas da política, e aqui precisamos abrir um parêntese sobre as vicissitudes sentimentais de sua majestade Henrique VIII.

A Henrique fora destinada desde muito jovem uma mulher, Catarina de Aragão, que na opinião dos fofoqueiros da época era bastante feiosa e carola. Ele a aguentou enquanto pôde, depois encontrou uma dama e suas filhas, Maria e Ana, e ficou simplesmente encantado. Primeiro levou para a cama a mãe, depois a filha mais velha e finalmente a mais moça: a jovem e sexy Ana Bolena. Não satisfeito com a façanha, contudo, também quis casar-se com ela, e aqui começaram os problemas. Para casar-se com ela, com efeito, precisava se divorciar, e naquela época só o Papa podia conceder o divórcio. *"No problem"*, disse Henrique VIII ao saber disso, e no dia seguinte, como rei da Inglaterra, também proclamou-se chefe da Igreja. Thomas More, como Chanceler do Reino, atreveu-se a criticá-lo e em apenas um mês foi primeiro trancafiado nos calabouços. Depois, em 1535, foi decapitado. Como prêmio de consolação, na segunda metade do século XIX, o papa Pio IX nomeou-o santo. Descanse em paz.

À parte tais fatos lastimáveis, o nome de Thomas More está ligado a um romance intitulado *Utopia*. O livro, escrito na casa de Erasmo, na Holanda, conta a história de um português, um certo Rafael, que, numa das suas muitas viagens sob o comando de Américo Vespúcio, acaba chegando a uma ilha desconhecida chamada Utopia.

Mas prestem atenção: *Utopia*, em grego, significa "não lugar", isto é, "lugar que não existe", e nesse sentido quero lembrar que Platão também, na *República*, falando da cidade ideal, fez questão de dizer que ela não existia em lugar nenhum.

Depois de desembarcar naquela ilha longínqua, o bom Rafael ficou por lá cinco anos e, a quem lhe dizia que em um lugar como aquele corria o risco de não ter nem mesmo um túmulo, respondia: *"E eu não me importo! Igual é o caminho para se chegar ao céu, de qualquer ponto que se parta!"*

Utopia tinha duzentas milhas de comprimento e havia nela nada menos de cinquenta e quatro cidades, todas idênticas e com o mesmo número de habitantes. Cada cidade ficava exatamente a vinte e quatro milhas de distância da outra: nem um metro a mais, nem um metro a menos. Quem conhecia uma já conhecia todas. O fundador de Utopia, em 244 a.C., havia sido um certo Utopo, navegador de origem incerta, não se sabe se egípcio, grego ou romano. A capital chamava-se Amauroto, que em grego quer dizer "evanescente", e o rio que a atravessava Anidro, que, sempre em grego, significa "sem água". A característica fundamental dos utopianos era a ausência da propriedade privada. Nenhuma casa tinha uma porta que pudesse ser trancada e, a cada dez anos, as moradas eram sorteadas entre os moradores para que houvesse uma espécie de

rodízio. Só assim seria possível evitar que os proprietários criassem afeição por suas casas. Cada prédio tinha a altura de três andares e tinha nos fundos um jardim de mais ou menos trinta metros quadrados. Todos trabalhavam, como lavradores ou então como artesãos, e somente durante seis horas por dia (três de manhã e três de tarde). As roupas eram iguais para todos: de linho branco no verão e de lã caprina no inverno. O único jogo permitido era o xadrez. Os objetos de luxo, tipo joias, pérolas, ouro e prata não tinham qualquer valor. Os urinóis eram de ouro para acostumar as crianças, desde pequeninas, ao desprezo pelos metais preciosos. Cada grupo de trinta famílias elegia um magistrado, chamado *sifogranto*, e a cada duzentos *sifograntos* elegia-se um Príncipe. Para as decisões comunitárias recorria-se aos referendos. Mas o voto não era imediato, no dia estabelecido pelo Príncipe: pegava-se um papel que devia ser devolvido no dia seguinte, ainda não assinado, para que os eleitores tivessem mais tempo para refletir sobre o assunto a ser votado.

Realmente extraordinário era o que os utopianos pensavam da guerra. Para eles, vencer era uma vergonha, razão pela qual, antes de declará-la, faziam o possível para entrar num entendimento. Chegavam ao ponto de enviar ao inimigo papeluchos tendo marcada a quantia que estavam dispostos a pagar a quem eliminasse fisicamente o Príncipe adversário. Melhor perder dinheiro, diziam, do que embrenhar-se numa guerra longa e difícil. Por mais altas que fossem as recompensas, eram sempre bem menores do que os custos de uma guerra. Só havia três motivos para declará-la: 1) defender o próprio território; 2) libertar um povo amigo; 3) eliminar um tirano sanguinário. Tudo isso, de qualquer maneira, depois de ter tentado por outros meios convencer o inimigo.

Uns comentaristas malévolos andaram espalhando que Thomas More, ao escrever a *Utopia*, simplesmente copiou a *República* de Platão, mas basta ler com atenção para perceber que nada disso é verdade. A *República* é mais uma antecipação do nazismo, enquanto a *Utopia*, mesmo exagerando, é mais um presságio do comunismo. A Utopia, resumindo, mostra uma forma de vida na qual a igualdade é considerada um bem ainda mais importante do que a felicidade. São iguais as cidades, as roupas, as casas, os rendimentos, as horas de trabalho e até os ofícios. Viver em Utopia devia ser um tédio mortal.

Graças a Deus, nós, na Itália, somos todos diferentes: há os ricos e os pobres, os bons e os maus, os idiotas e os inteligentes, os gordos e os magros, e o único bem que nos torna todos iguais é o telefone celular.

A propósito de Thomas More,

se eu tivesse de descrever uma ilha ideal, como a imaginaria? Pois bem, antes de mais nada gostaria que não houvesse carros. Faria as ruas estreitas, mas tão estreitas que nenhum veículo, por pequenino que fosse, pudesse percorrê-las. E não é só: para evitar as bicicletas, também exigiria que todas as ruas fossem subidas e descidas. Qualquer moto seria, obviamente, proibida, pois o barulho seria irritante. Também gostaria que tivesse uma única pracinha, comedida no tamanho, bem centralizada para que todos pudessem nela encontrar-se, sentar num bar e conversar à toa, talvez tomando um cafezinho. Também deveria ter três mirantes panorâmicos: um para o sul, dando para os penhascos, um para o

oeste, muito acima do nível do mar, para evitar que os turistas descessem até a praia e emporcalhassem as costas, e finalmente um virado para leste, de modo que eu pudesse admirar as alvoradas. A ilha, de qualquer maneira, poderia ser circunavegada de barco, preferivelmente à vela. E deveria finalmente tornar-se ainda mais preciosa graças a uma gruta misteriosa de águas azuis, com uma entrada tão baixa que os visitantes teriam que encolher-se para entrar. Meu Deus: mas essa é Capri!

Nicolau Maquiavel (1469-1527)

XI
NICOLAU MAQUIAVEL

Leio no dicionário Sabatini Coletti que "maquiavélico" significa "falso", "fingido" e devo dizer que francamente não concordo: se houve um homem que jamais disse uma mentira, este foi justamente Maquiavel. Que eu saiba, sempre escreveu tudo o que pensava e nunca fingiu ser um santo. Se quisermos ser realmente críticos, podemos defini-lo um cínico. Na sua obra-prima, *O Príncipe*, tenta dar conselhos práticos a um chefe de Estado para que possa, de alguma forma, tocar o barco sem excessivos contratempos. Prestem atenção: eu disse "de alguma forma" e não "da melhor forma possível", justamente para frisar que ser Príncipe é bastante difícil. "É indispensável", afirma Maquiavel, "que seja um grande e fino simulador, uma vez que quem é enganado está quase sempre disposto a deixar-se enganar."[11]

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença em 1469 e morreu de infarto em 1527. Ainda não tinha completado trinta anos quando, em 1498, não muito tempo depois da condenação à fogueira de Savonarola, foi nomeado Secretário dos Dez, cargo naquele tempo muito ambicionado pelos jovens florentinos. Na época, ainda havia a República em Florença, mas logo a seguir, com a volta dos Médici, para o coitado do Maquiavel começou uma fase negra. Em 1512 foi encontrada no bolso de um adversário da família dominante uma lista com os nomes de uns vinte conspiradores, e entre eles, infelizmente, também havia o de Nicolau. Verdadeira ou falsa que fosse sua participação no complô, foi preso, condenado a um ano de exílio e a uma multa de mil florins de ouro. Depois, como se já não bastasse, foi pendurado pelas mãos e torturado.

Depois desta terrível experiência, afastou-se da vida política e abrigou-se em San Casciano em Val di Pesa, onde, na mais absoluta paz da Toscana, nada mais tendo para fazer, escreveu, além de *O Príncipe*, os seus melhores trabalhos, isto é, os *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, a *História de Florença,* o *Asino d'oro*, a *Mandrágora*, a *Vida de Castruccio Castraca*, o *Belfagor*, a *Arte da guerra* e a comédia *Clizia*. Também escreveu algumas canções entre as quais uma intitulada "Perché la vita è breve".

Costumava definir a si próprio como "historiador, autor cômico e trágico", mas na verdade gostaria de ser lembrado como poeta. Numa carta endereçada a Ludovico Alamanni escreve:

Acabo de ler o Orlando Furioso *de Ariosto e na verdade o poema é todo ele bonito, em algumas partes admirável. Se ele estiver por aí, recomenda-me a ele, e lhe diga que só lastimo, tendo ele se lembrado de tantos poetas, ter-me deixado de lado como um nada.*[12]

A exaltar a veia poética e teatral de Maquiavel temos principalmente o *Asino d'oro*, um poema com mais de mil versos, e a *Mandrágora*, uma comédia na qual uma bela mulher, que não pode ter filhos com o marido, acaba sendo convencida a traí-lo com um estratagema. Dizem-lhe: "Primeiro terás de dar de beber a um homem que te apresentaremos uma tisana milagrosa (a mandrágora), para então fazeres amor com ele. Depois disto ele morrerá e tu terás o filho tão desejado."

Pode ser, mas toda essa armação só para levá-la para a cama parece-me um tanto exagerada! Seja como for, pelo que os fofoqueiros da época andavam dizendo, tudo indica que Maquiavel era um grande conquistador. Citando Boccaccio, costumava dizer: *"Melhor fazer para então arrepender-se, do que não fazer nada e arrepender-se do mesmo jeito."* Teve muitas amantes, entre as quais Riccia, Maliscotta e Bárbara Raffacani Salutati. E, para permanecermos no assunto de sexo, eis alguns versos tirados do *Asino d'oro*.

... dela me aproximei
esticando entre os lençóis a mão fria.
E logo que no seu corpo toquei,
uma tão suave doçura senti no coração
como acredito nunca ter experimentado antes.
Nem no mesmo lugar a mão parou,
pois, correndo por todo o seu corpo,
a perdida virtude logo reencontrou.

Em outras palavras, não podemos acreditar que só se dedicasse ao seu trabalho de estudioso e de escritor. Também gostava de dar suas voltas, de "passarinhar" com as mulheres e "prosear" com os homens. Esses dois verbos eram peculiares da sua maneira de falar.

Aqui vai, a seguir, um dia típico de Maquiavel contado por ele mesmo, numa carta enviada a Francesco Vettori, embaixador florentino junto à Santa Sé:

Ao entrar no bosque vou para uma nascente, e dali sigo para a minha cabana de caça. Levo comigo um livro, ou Dante ou Petrarca, ou um daqueles poetas menores, como Tibulo, Ovídio e similares; vou lendo suas amorosas paixões e aqueles seus amores... Sigo então pelo caminho que leva à taberna, falo com os viajantes, pergunto as novidades das suas aldeias... E vai chegando assim a hora do almoço... Depois de comer, volto à taberna: onde costumo encontrar o taberneiro, o açougueiro, o moleiro e dois padeiros. Fico proseando com eles o dia inteiro, e jogando cartas.

E acaba dizendo:

Quando já vai escurecendo volto para casa e entro no meu estúdio. Já no limiar tiro aquela roupa cotidiana, suja de lama e de lodo... e passo mais quatro horas amenas, esquecido de toda aflição, sem recear a pobreza e sem me espantar com a morte.

Fundamental foi, de qualquer maneira, o seu encontro com César Bórgia. E aqui temos de resumir de algum modo as peripécias, as infâmias e as grandezas de uma das mais representativas famílias do Renascimento.

Vamos começar pelo bisavô: Alonso Borja, o Papa Calisto III, que na época ainda não tinha italianizado o nome espanhol da família em Bórgia. O seu papado só durou três anos, mas foi suficiente para ele nomear como sucessor o neto Rodrigo, isto é, o famoso Alexandre VI. Pois bem, se houvesse uma competição entre todos os Papas para estabelecer qual foi o mais devasso de todos, seria uma barbada: Alexandre venceria de olhos fechados. Logo que foi eleito Papa, aproveitou da melhor maneira possível o cargo para dar um jeito na vida dos quatro filhos, Giovanni, César, Lucrécia e Giofredo, cada um tido com uma mulher diferente. Depois construiu em torno de si um harém sob medida, do qual parece que participava até a filha

Lucrécia. “Este homem”, diziam dele, “tem ao mesmo tempo um grande talento e uma grande maldade: é como uma espada nas mãos de um louco.”

Lucrécia, por sua vez, sempre devido a motivos relacionados ao poder, eliminou um depois do outro três maridos, o segundo dos quais sufocado com uma almofada enquanto dormia. Mais bonita e fascinante do que qualquer outra mulher da época, era o que de mais perigoso se poderia imaginar. Ir para a cama com ela era a mesma coisa que cometer suicídio. Ela também, para nossa salvação, acabou na cova com apenas trinta e nove anos de idade.

Isso para não mencionar o jovem César, o sinistro duque Valentino. Dentro de um número extremamente limitado de anos, todos aqueles que tiveram o azar de ter alguma coisa a ver com ele acabaram tendo um triste fim. Vou citar de memória, assim como passam pela minha cabeça, os príncipes de Forlì e de Ímola, Vitellozzo Vitelli, Pandolfo Malatesta, Astorre Manfredi, Oliverotto de Fermo, Paolo e Francesco Orsini, Guidobaldo de Montefeltro e muitos outros dos quais no momento não me lembro. Uns mortos em batalhas, uns dentro de casa, alguns afogados no rio Tibre, outros estrangulados por um sicário ou envenenados enquanto estavam comemorando a própria festa de aniversário. Ninguém, ninguém mesmo conseguiu aproveitar a paz da velhice.

Pois bem, e o que pensava Maquiavel acerca de um homem desses? Nada de mau, longe disso! Aquela maneira de agir, no seu entender, era a única capaz de firmar na Itália algo parecido com um Estado soberano. *“Prova disto”*, fez questão de dizer, *“é que conseguiu unificar a Romanha tornando-a um lugar tranquilo que agora vive em santa paz.”* Não é lá muito importante, acrescentava, que o Príncipe seja leal, magnânimo e respeitoso da religião: o que realmente importa é que ele pareça ser assim aos olhos dos súditos. Como se dissesse *“o fim justifica os meios”*. Embora, ao que parece, Maquiavel nunca tenha pronunciado essa frase: ela lhe foi atribuída por um jesuíta do século XVIII em sinal de desprezo. O importante é saber que quando foi instituído o índex dos livros proibidos, o seu *Príncipe* encabeçava a lista como obra, nas palavras de um cardeal, escrita com o *“dedo do diabo”*.

A propósito de Nicolau Maquiavel,

hoje em dia, na Itália, podemos supor que o Príncipe deveria ser Silvio Berlusconi. O que dizer dele? Que parece não ter entendido direito a lição, que precisa urgentemente dar uma nova lida no Príncipe. *O nosso ex-primeiro-ministro, com efeito, sabe lá Deus por quê, é incapaz de dizer mentiras: vez por outra diz tudo o que pensa, e esquece que um verdadeiro político deve ser* “um grande simulador e manipulador”.

Vamos lembrar, por exemplo, as declarações que deu na Bulgária, quando afirmou alto e bom som que não gostava nem um pouco de Michele Santoro e de Enzo Biagi. Foi um deus nos acuda, com todos os jornais e os partidos da oposição a criticá-lo. Como se teria portado, por sua vez, o Príncipe de Maquiavel? Ele os teria eliminado sem alarde, sem nunca falar mal deles, mas convencendo as pessoas certas a nunca mais deixá-los aparecer na televisão.

Outro caso: um belo dia não aguentando mais, ele afirmou que os orientais são menos

civilizados do que os ocidentais. Mais um dilúvio de protestos indignados, com meio mundo exigindo desculpas. Pois bem, no seu lugar o Príncipe teria se limitado a dizer que os orientais são mais religiosos do que os ocidentais. Teria expressado mais ou menos o mesmo conceito sem melindrar ninguém.

Quanto a mim, no entanto, justamente por ser como sou, sou o último a entender as exigências do Príncipe. Não estou minimamente interessado no Poder. Vejo os políticos brigando na TV e não consigo absolutamente entendê-los. Vejo os chefes de Estado desencadeando uma guerra após a outra e fico imaginando se sabem que a vida é muito breve e que daqui a pouco eles também terão de morrer. Até parecem garotos brincando de Banco Imobiliário.

Se eu fosse Berlusconi, já teria aparecido há muito tempo na TV, em cadeia nacional, para fazer a seguinte declaração: "Italianos, sou amiúde acusado de conflito de interesses. Pois bem, sabem de uma coisa? Vocês estão certos: o conflito existe e é inevitável, qualquer outro chefe de governo estaria na mesma. Decidi, portanto, pedir minha demissão. Tenho bastante dinheiro para viver em santa paz o resto dos meus dias. A partir de agora tenciono dedicar-me somente aos meus entes queridos, à minha mulher e aos meus filhos. Sendo assim, vou deixá-los nas mãos da esquerda, nas de D'Alema, de Fassino e de Rutelli, e lhes desejo toda a felicidade do mundo."

Maquiavel ficaria inquieto no túmulo.

---

11 Nicolau Maquiavel, O *Príncipe*, cap. XVIII.

12 Para saber mais, aconselhamos a leitura do ensaio de Lucio Villari intitulado *Niccolò Machiavelli*, edição Piemme.

Francesco Guicciardini (1483-1540)

XII
FRANCESCO GUICCIARDINI

Vamos deixar bem claro: Guicciardini (1483-1540) era mais maquiavélico do que Maquiavel. Era, com efeito, um superpragmático, um sujeito sem o menor interesse pelos assuntos, digamos assim, metafísicos. Como bom racionalista, acreditava mais no Acaso do que no Destino. Toda conversa sobre Deus, sobre a alma e qualquer outra coisa que não pudesse segurar nas mãos deixava-o totalmente indiferente. No seu entender, aquele palavrório só servia para enganar os simplórios, e quando ele falava em "simplórios" queria dizer "idiotas". Mas, uma vez que os idiotas também são a maioria, não podia deixar de estudar os métodos daqueles que se aproveitam deles.

Escreve Guicciardini: "Três são as coisas que mais desejo na vida. A saber: viver numa República organizada e bem administrada, manter os bárbaros longe da Itália e ter um mundo livre da tirania destes padres celerados. Mas infelizmente não tenho ilusões: são desejos que nunca irão realizar-se." Esta última frase, na época, dava de sobra para alguém ser preso e passar a vida mofando no cárcere. Mas ele não teve o menor receio de deixar tudo bem claro. Para ser mais preciso, além do mais, chegou a dizer aos leitores que, para se alcançar estes resultados, era indispensável usar mais o cérebro do que o coração, e principalmente levar em conta que todo homem age pelo "particular", isto é, em nome do seu interesse pessoal. O seu pensamento político consiste basicamente nisso.

Terceiro de oito filhos, Guicciardini teve uma adolescência um tanto difícil. Em casa não havia dinheiro suficiente para todos e, portanto, desde jovem teve de trabalhar para sobreviver. Nascera para ser o primeiro da turma: onde quer que fosse, acabava sempre sendo o melhor. Tanto assim que foi apelidado de "Alcibíades" pelos seus próprios companheiros na escola. A sua primeira atividade foi a de advogado, depois entregou-se de corpo e alma à política na qual, entre os Médici, que haviam reassumido o poder, e os Papas, que ditavam as regras, conseguiu ganhar a estima de todos. Foi um dos defensores de uma liga anti-imperial promovida por Clemente VII.

Também foi um incorrigível mulherengo, e contam até que dividiu uma amante com Maquiavel. Chamava-se Meliscotta e fazia tudo por dinheiro.

Nos seus últimos dez anos de vida, entre 1530 e1540, escreveu uma *Storia d'Italia* e as *Ricordi politici e civili*, a meu ver uma obra mais política do que civil.

A propósito de Francesco Guicciardini,

fiquei imaginando um encontro entre ele e Maquiavel, e acredito que seria mais ou menos isso o que diriam:

– Meu caro Francesco – diz Maquiavel –, como bem sabes, temos uma mulher em

comum: a Meliscotta. E também estás cansado de saber que, toda vez que ela nos visita, temos de pagar. Agora, não achas que para dois sujeitos como nós, de alto nível intelectual, o fato de pagar uma mulher para que satisfaça os nossos mais baixos instintos seja inconveniente?

– É exatamente o contrário do que acabas de dizer, meu ilustre colega – responde o Guicciardini. – O fato de pagarmos é perfeitamente coerente com os nossos princípios políticos.

– É mesmo? Como assim?

– Meu querido Nicolau, qual é a coisa que mais desejamos no mundo? A liberdade. E o que vem a ser o sexo senão uma forma de escravidão? Nós, por outro lado, com uma modesta quantia de dinheiro, e hás de convir que é deveras modesta, pagamos essa nossa Meliscotta e ela, em menos de uma hora, nos livra dos grilhões da luxúria. Fique bem claro, porém, que nós pagamos não para que ela se deite conosco, mas sim para que logo a seguir ela vá embora. E tudo isso apenas para que possamos deixar descansar o cérebro. Fica sabendo, com efeito, que “a recreação é mais a necessária das indisciplinas”.

Resumindo, para Guicciardini o dinheiro pago à Maliscotta não era um “salário” mas sim uma “liquidação”. Se estivesse vivo, proporia certamente a reabertura das casas de tolerância.

Martinho Lutero (1483-1546)

XIII
MARTINHO LUTERO

Tudo começou quase um século antes por culpa de Jan Hus (1369-1415), um pregador boêmio. O sujeito começou a criticar os padres do seu país devido às indulgências que vendiam. Então, durante o concílio de Constança, um cardeal chamado Peter de Ailly primeiro o excomungou e depois o condenou à fogueira. Hus subiu ao patíbulo cantando e, junto com ele, foram queimados todos os duzentos livros que tinha escrito. O seu movimento religioso foi chamado de hussitismo.

Na época, para arrumar dinheiro, a Igreja tinha encontrado um sistema infalível: vendia as absolvições. Era só pagar uma certa quantia por cada pecado, que qualquer torpeza que alguém tivesse cometido era perdoada. No que diz respeito aos pecados sexuais, então, os preços eram particularmente salgados. Mais ou menos o que acontece hoje em dia com o perdão fiscal: dependendo de quanto o contribuinte deixou de declarar nos anos anteriores, o cálculo de 4 por cento pode variar até 8 por cento. No século XVI tratava-se de pecados mortais, agora de impostos não pagos. Conceitualmente é a mesma coisa: não é justo, mas engorda os cofres de quem manda.

A verdadeira diferença entre a Idade Média e o Renascimento está no papel desempenhado pelos padres: na Idade Média eram os intermediários obrigatórios entre os fiéis e Deus; no Renascimento, por sua vez, limitavam-se a aconselhar o pecador para em seguida deixá-lo livre para agir como bem quisesse. Hus dizia: "*O purgatório não existe, e mesmo que existisse certamente não seria com o dinheiro que se poderia evitá-lo.*"

Hus morreu, mas não a sua doutrina, e alguns decênios mais tarde outro monge herdou o seu mandato: o seu nome era Martinho Lutero (1483-1546). Ele também começou a protestar, e nunca como então o verbo "protestar" foi tão exaustivamente conjugado em todos os seus tempos e modos: tornou-se o estandarte de um movimento religioso que sacudiu a Igreja desde os alicerces.

Lutero era um agostiniano nascido em Eisleben, na Alemanha. Parece que decidiu tornar-se frade de repente, numa tarde chuvosa, quando viu um relâmpago estourar a poucos passos de distância. "Esta é uma mensagem divina", disse para si mesmo, e logo que parou de chover correu para o mosteiro mais próximo. Não teve uma infância feliz: o pai e a mãe se revezavam para puni-lo com o chicote. Talvez, se não tivessem feito isto, hoje o Protestantismo não existiria.

Martinho Lutero não tinha certamente um caráter fácil: pensava e dizia cobras e lagartos de Roma. Só estivera lá uma vez, enviado pelos irmãos agostinianos, e ficara enojado. No dizer dele, o Papa era "um sultão que se fazia servir o almoço por dúzias de jovens mulheres nuas", a Cúria "uma espécie de filial de Satanás" e a cidade "uma nova Babilônia".[13] Escreveu sobre isso uma condenação articulada em noventa e cinco teses, que em 1517 afixou na porta do castelo de Wittenberg. Agora, moro em Roma há mais de trinta anos e, à parte umas passeatas antiglobalização, juro que nunca assisti a qualquer tipo de manifestação diabólica.

A resposta de Leão X não se fez esperar: se dentro de sessenta dias o frade Martinho Lutero não se retratasse de tudo aquilo, desde a primeira até a última palavra, iria ser excomungado. Lutero, no entanto, não cedeu. Nasceu assim a Reforma protestante que, além de ser um movimento religioso, também foi uma convulsão política. Os príncipes alemães não podiam pedir aos céus coisa melhor do que aquele fradezinho para livrar-se do incômodo poder da Igreja e, mais importante, dos impostos que deviam pagar à Cúria romana. O próprio Lutero, uma vez declarado herege, salvou-se graças à proteção do príncipe Frederico III da Saxônia. Bem que o Papa chamou-o várias vezes a Roma, mas ele não mordeu a isca e achou melhor ficar por lá mesmo, nas terras teutônicas.

Hoje, depois de cinco séculos, muitos dos seus conceitos parecem acertados. Não podemos concordar, no entanto, com a ideia da predestinação. Dizia Lutero: os seres humanos dividem-se em duas categorias, os que possuem a Fé, porque foram escolhidos por Nosso Senhor, e os que não a possuem e precisam contentar-se com a Razão, também chamada de *"meretriz do diabo"*. Não são, portanto, as boas ações a nos garantir a entrada no Paraíso, mas sim a Fé. Quem tem tem, e quem não tem não tem. O próprio Deus escolheu as ovelhas que se salvarão. Sobre o assunto, Lutero escreveu um livro intitulado *De servo arbitrio*, no qual defende o princípio pelo qual "não são as boas ações que tornam o homem bom, mas sim é o homem bom que faz as boas ações", razão pela qual quem foi criado mau desde o começo, não adianta disfarçar-se de bom, vestindo o cilício e frequentando a igreja, pois irá acabar no Inferno de qualquer maneira. Dito isso, vemos claramente que Lutero, em relação ao Humanismo, representa um passo para trás. É quase uma volta à Idade Média.

Ao chegar aos quarenta e dois anos, casou-se com uma freira, uma certa Catarina de Bora, que lhe deu seis filhos. Sabendo que havia sido frade, mais reformador do que isso seria impossível.

A propósito de Martinho Lutero,

e do fato de podermos ter e não ter Fé: eu confesso que não tenho. Até escrevi um livro sobre o assunto, intitulado A Dúvida. *Mas vamos examinar com cuidado o problema.*

Eu não entendo aqueles que têm certeza da existência de Deus, assim como não entendo aqueles que, com igual certeza, afirmam que não existe. O crente e o ateu são, no meu entender, uns grandes pretensiosos com os quais faço questão de não me identificar. Em compensação, pratico a Dúvida positiva. Positiva por quê? Porque substituí o verbo acreditar *pelo verbo* esperar. *Em outras palavras,* espero *que exista e* receio *que não exista. Nada me apavora mais do que a ideia de só haver, depois da morte, o "nada", de nós morrermos e assunto encerrado! Passando os meus dias a duvidar, no entanto, fico o tempo todo pensando se Deus existe ou não existe, e acabo ficando com Ele muito mais do que aqueles que acreditaram na sua existência de uma vez por todas, sem nunca se questionarem a respeito.*

Invejo os que têm Fé, aquela com F maiúsculo: vivem melhor do que nós, que duvidamos. A minha mãe, por exemplo, sempre a vi serena, até mesmo nos últimos instantes de vida. Ia à igreja todas as manhãs, na paróquia de Santa Lucia, e voltava como

se tivesse tomado o elixir da felicidade.

Infelizmente a Fé não é uma coisa que se possa conquistar com o raciocínio. Não posso dizer a mim mesmo: "Decidi que a partir de amanhã vou crer!" Já é muito difícil parar de fumar, imagine só parar de duvidar.

---

13 Sobre o assunto, aconselhamos a leitura de *L'Italia della Controriforma* de Indro Montanelli e Roberto Gervaso, editora Rizzoli.

XIV
HULDRYCH ZWINGLI

Huldrych Zwingli nasceu em Wildhaus, na Suíça, em 1484. Terceiro de dez filhos, estudou em Viena, Berna e Basileia. O pai magistrado quis de todas as formas que se tornasse sacerdote. Ele subiu logo na carreira e não demorou a tornar-se pároco na catedral de Zurique. Nos primeiros anos demonstrou uma grande admiração pelos clássicos. Teve várias paixões. Os seus autores prediletos foram, nessa ordem: Platão, Aristóteles, Epicteto e Sêneca. Para lê-los no original, aprendeu o latim e o grego sozinho. Costumava dizer: "*Às vezes valem mais uma frase de Cícero ou uma estrofe de Píndaro do que um versículo do Evangelho.*"

Ainda jovem, foi um admirador extremado de Erasmo de Roterdam e de Pico della Mirândola. As atividades que o tornaram famoso na Suíça foram a pregação e a política. Como pregador, em particular, parece que dispunha de uma voz extraordinária, como se tivesse um microfone instalado no peito. Falava com grande simplicidade e podia ser ouvido em todo canto da igreja, até nas últimas fileiras.

Em relação a Erasmo, no entanto, passou da desmedida admiração para a mais ferrenha antipatia, e sempre devido a Lutero e ao livre-arbítrio. No entender de Zwingli, o homem é predestinado desde o momento em que nasce e só pode conseguir a salvação se receber a Fé como presente divino. Para Erasmo, acontece exatamente o contrário: o que realmente importa é o modo com que se vive e se porta com os seus similares.

Zwingli também investiu contra o Papa pelo sujo comércio das indulgências. Não era um místico como Lutero nem um puritano como Calvino, mas quando via os padres absolverem os pecados como se nada fossem, principalmente em troca de dinheiro vivo, certamente não podia ficar calado. Certo dia ficou furioso com outro padre, um certo Samson, que chegara ao ponto de afixar na igreja uma tabela de preços.

Em 1519 a Suíça foi assolada por uma terrível epidemia de peste. Zwingli, religioso como era, dedicou-se ao voluntariado. Passou noites e dias assistindo os doentes. Escreveu até uma poesia intitulada "Hino à peste", na qual, dirigindo-se ao Nosso Senhor, dizia: "*Ó Deus misericordioso, decidí vós mesmo a minha sorte: se achardes que para mim seria mais vantajoso morrer, deixai-me morrer, do contrário salvai-me.*" Deus salvou-o.

Alistou-se como capelão numa das muitas guerras promovidas por Júlio II, e ficou abalado ao ver os soldados que morriam à sua volta. Mal tinha tempo de dar a extrema-unção a um, já havia outro a chamá-lo desesperadamente.

Além do entusiasmo religioso, também era animado por um marcado espírito nacionalista: na prática, torcia por Zurique, e não perdia uma única ocasião para demonstrar essa preferência. Pois bem, é bom lembrar que na época a Suíça não era um Estado independente como hoje, mas sim um conjunto de retalhos, chamados cantões, que devido a Lutero se haviam constituído em duas formações conflitantes: de um lado estavam os que haviam permanecido fiéis ao Papa e do outro os que haviam abraçado as teses da Reforma. Embora com algumas discordâncias, Zwingli alinhara-se nas fileiras destes últimos. Apesar de acreditar piamente na predestinação, abolira

toda uma série de rituais por ele considerados supersticiosos, como por exemplo as promessas, os jejuns e as procissões em louvor dos santos. Declarou-se contrário ao celibato eclesiástico e, para demonstrá-lo com os fatos, teve numerosas amantes, até assentar a cabeça e casar com uma vizinha chamada Ana Reinhard. Então, quando estourou a guerra entre os cantões, alistou-se no exército de Zurique e morreu em combate, perto de Kappel, em 1531.

João Calvino (1509-1564)

XV
JOÃO CALVINO

João Calvino (1509-1564) era francês. O seu verdadeiro nome era Jean Cauvin. Nasceu em Noyon, não muito longe de Compiègne, bem no meio da França. Ao ficar órfão da mãe, quando ainda não completara seis anos, foi enviado para um internato. Saiu de lá como sacerdote e mudou-se para Paris, onde conheceu o reitor da universidade, o famoso professor Nicolas Cop, grande apreciador de Lutero. Se olharmos para o retrato de Calvino, podemos reparar logo em alguma semelhança com Bin Laden. Nem por isso, no entanto, devemos nos deixar influenciar, apesar de os dois pensarem mais ou menos a mesma coisa a respeito das mulheres.

Contam que era um rapaz tímido, esforçado e piedoso. Não demorou muito tempo para cair nas graças de Cop, que o considerava um aluno exemplar. Abraçou a teoria da predestinação e essa convicção chegou a criar-lhe alguns problemas: foi preso duas vezes e duas vezes anistiado.

Para Calvino, Deus tinha previsto tudo desde o começo, desde os tempos de Adão e Eva. O homem não podia, portanto, fazer absolutamente nada para mudar o próprio destino. Agora parece quase incrível que a ideia da predestinação tenha conseguido arraigar-se entre povos desenvolvidos e progressistas como, imagino, deviam ser os franceses, os suíços, os ingleses e os escoceses. De qualquer maneira, se pensarmos um pouco no assunto, podemos entender que o fato de pertencer a um grupo de eleitos é certamente muito mais gratificante do que a obtenção daqueles mesmos benefícios graças a preces e boas ações. Para os protestantes, com efeito, a fé em Deus também é fé em si próprios. "Sou um dos eleitos", diz o calvinista, "e preciso absolutamente portar-me como tal."

Acho que algo parecido acontece até hoje com o futebol: o torcedor gosta de declarar-se fanático por um ou outro time, e isso porque partilhar de um ideal com muitas outras pessoas reforça a sua fé. Mas não é só isso: segundo a moral calvinista, tornar-se rico, mesmo que seja à custa dos pobres, não é uma demonstração de egoísmo, mas sim um claro sinal da benevolência divina.

Nesse ponto, não posso deixar de perguntar a mim mesmo: será que o capitalismo também foi uma invenção de Calvino? Comparado com o luteranismo, com efeito, é muito mais otimista em relação a Deus, e um tiquinho mais pessimista em relação ao homem.

A cidade onde essa maneira de ver as coisas acabaria tornando-se lei foi Genebra, que Calvino chamou de "a cidade de Deus". No começo o nosso pensador teve de enfrentar a resistência dos políticos liberais ou, para usarmos as suas palavras, dos "libertinos"; mas então, depois de assumir o poder, ninguém mais conseguiu detê-lo. No curto prazo de vinte anos eliminou quarenta e oito infiéis levando todos ao patíbulo. Entre eles, até um ótimo médico chamado Michael Serveto. Até o fim pediram ao pobre coitado que se declarasse luterano, mas ele preferiu enfrentar as chamas da fogueira a afirmar que acreditava na predestinação.

Sob a "ditadura" calvinista, todos os genebreses eram obrigados a frequentar a igreja pelo menos uma vez por dia. E disso não escapavam nem mesmo os doentes, a não ser obviamente os paralíticos. Os jogos de azar, a embriaguez e o adultério (só o das mulheres) eram punidos com

o cárcere. Era preciso ser puro, dizia Calvino, aliás puritano! E para certificar-se de que todos obedeciam aos seus preceitos instituiu uma espécie de magistratura chamada de "Venerável Companhia". Sobre os dez mandamentos, então, escreveu um livro inteiro intitulado *Institutos da religião cristã*, com princípios um pouco mais medievais do que os próprios princípios medievais.

Numa parte, no entanto, até que não podemos discordar dele. Especificamente, sobre o pecado. O pecado é pecado, e não pode ser absolvido com uma simples confissão, para então recomeçar a pecar...

Ao chegar a uma certa idade, Calvino decidiu casar. "Não precisa ser bonita", disse a um dos seus colaboradores, "o importante é que seja casta, econômica e cuidadosa com a minha saúde." Casou-se com uma viúva feinha que, em compensação, era uma excelente cozinheira. Um tanto fracos de saúde e relativamente jovens, morreram praticamente ao mesmo tempo.

A propósito de João Calvino,

não posso deixar de lembrar uma namorada minha dos anos 1950, uma certa Francesca. Uma noite, lá pelas oito horas, estávamos no carro, o meu pequeno Cinquecento, no Parco della Rimembranza, o lugar onde naquele tempo os jovens paravam para trocar uns beijos. Já tinha colado o jornal nos vidros quando lhe perguntei o que tinha feito na noite anterior. Eu havia telefonado o tempo todo e ela não atendera. Ela confessou então que tinha ido dar "uma voltinha" em via dei Mille com um tal de Giorgio, um colega de faculdade. Diante da minha objeção de que o tal Giorgio era um mulherengo muito conhecido entre as putas, ela respondeu que no caso o termo não se aplicava, pois Giorgio não a pagara. Eu rebati que uma jovem séria não vai saindo com qualquer um, e ela reagiu dizendo que então tampouco deveria sair comigo. Em resumo, brigamos. Francesca acabou saindo do carro batendo a porta, possessa. Mas antes de ir embora ainda disse: "Já entendi, você é um calvinista!"

Eu fiquei ali como um boboca, perguntando a mim mesmo o que diabo ela queria dizer com aquilo. Corri para casa, peguei o Lamanna, *o meu primeiro livro de filosofia, e compreendi que calvinista também quer dizer "puritano".*

Nicolau Copérnico (1473-1543)

XVI
NICOLAU COPÉRNICO

Querido leitor,

se for a hora do almoço, se o céu estiver limpo e você não tiver nada para fazer, em vez de ficar trancado em casa vendo o jornal na TV, vá um momento até a varanda e fique olhando para o Sol. Tente imaginar-se por alguns instantes como Ptolomeu, vivendo no século II d.C., e tendo de determinar se é você que gira em volta do Sol ou se é o Sol que gira em volta de você.

Probleminha nada fácil, não é? Para percebê-lo basta estar sentado num trem, numa estação qualquer, e perguntar a si mesmo se é o nosso trem que está se mexendo ou se, ao contrário, é aquele que está ao lado. Ele, Ptolomeu, optou pela segunda hipótese, assim como antes dele Hiparco e Aristóteles já haviam imaginado um universo formado por esferas concêntricas, com a terra no meio e um carrossel de estrelas em volta. Esse universo, no entanto, embora de dimensões enormes, não era infinito uma vez que, sempre segundo o pensamento de Aristóteles, o infinito não é um lugar mas sim uma ideia.

As primeiras dúvidas, pensando bem, começaram a surgir quando se descobriu que as trajetórias dos planetas, com o passar do tempo, não continuavam sempre as mesmas. Alguém começou então a desconfiar de que a Terra também se movia. E foi assim que, pensando e repensando, chegamos a Nicolau Copérnico (1473-1543).

Naquela época o ofício de astrônomo e o de astrólogo eram exatamente a mesma coisa, e de qualquer maneira eram, ambos, trabalhos encomendados por um Príncipe. O importante era escrever todo dia um horóscopo o mais favorável possível para o senhor do castelo, confiando numa boa recompensa se porventura algumas das previsões se realizassem. Copérnico, por sua vez, não era um astrólogo, era uma pessoa séria e principalmente um matemático. Eu diria quase um engenheiro.

Nascido em Torun, na Polônia, às margens do rio Vístola, chamava-se Nikolaj Kopernik. Estudou em Cracóvia, Roma, Pádua, Bolonha e Ferrara. Logo depois de ter a intuição de que o Sol estava no centro do Universo, e não a Terra, escreveu sobre o assunto um ensaio intitulado *De revolutionibus orbium coelestium*. Achou melhor, no entanto, guardá-lo em segredo.

Naquela época, afirmar que a Terra não passava de um dos vários planetas que rodavam em volta do Sol podia ser perigoso: equivalia a dizer que Jesus havia nascido na periferia. Copérnico guardou, portanto, o manuscrito em casa, num esconderijo secreto cavado dentro de uma parede, e não o mostrou a ninguém. “Estou me portando”, costumava dizer, “como os alunos de Pitágoras que conheciam os segredos da natureza, mas não os contavam aos estranhos.” Até que um belo dia um discípulo seu, um certo Joachim Rhetycus, professor na Universidade de Wittenberg, convenceu-o a deixá-lo ler o tratado. Então, menos de um mês depois, este último decidiu publicá-lo. Contam que Copérnico, logo que viu o seu *De revolutionibus* impresso em caracteres góticos, teve um infarto e morreu. Era o ano de 1543.

A descoberta de Copérnico, além de revolucionar a astronomia, também mexeu profundamente na filosofia e na teologia. Muitos levantaram objeções do tipo: “Ora essa, mas se

a Terra roda do oeste para o leste, uma pedra jogada no ar deveria cair um pouco mais longe, para o oeste." Ou então: "Ora essa, mas se a Terra roda sobre si mesma, deveríamos perceber um vento constante no sentido contrário." Em outras palavras, persistiam muitas dúvidas.

A maior oposição, de qualquer maneira, veio dos ambientes eclesiásticos. Quem se declarasse a favor da teoria heliocêntrica corria o risco de ser excomungado, tanto que o próprio Copérnico se precavera escrevendo uma longa introdução ao tratado e dedicando-a ao Papa. Nela, o cientista confessava ter publicado o livro só devido à insistência dos amigos, e dizia que de qualquer maneira não havia sido o primeiro a tratar do assunto: as mesmas ideias já haviam sido antecipadas pelos pitagóricos e por Heráclides do Ponto. Também recebeu o apoio de um teólogo luterano, um certo Andreas Osiander, que para limitar os riscos da publicação disse que as ideias de Copérnico não eram teorias, mas sim hipóteses matemáticas.

Aqui está o trecho oportunamente sintetizado com que começa o *De revolutionibus orbius coelestium*.

Ao Santíssimo Paulo III, Sumo Pontífice, após ter longamente meditado acerca das revoluções das esferas celestes, procurei ler o maior número possível de livros a respeito do assunto. Dessa forma poderia dizer ter descoberto que tanto Cícero quanto Niceto intuíram os mesmos movimentos, e que até Plutarco e outros mestres, tais como Filolau, Heráclides do Ponto e Ecfanto pitagórico tinham imaginado a Terra, presa a um eixo, a rodar sobre si mesma de Ocidente a Oriente.

Com o passar dos séculos, a revolução copernicana acabou envolvendo de alguma forma quase todos os intelectuais italianos, entre eles até Giacomo Leopardi. Numa das suas *Operetas morais*, com efeito, o poeta imagina que o Sol e Copérnico se encontram no Paraíso, com o Sol confessando ao astrônomo que está cansado de rodar o tempo todo em volta da Terra e firmemente decidido a deixar que os planetas se movimentem em volta dele. Ao ouvir aquilo, então, Copérnico pede que o astro não conte aquilo a ninguém, pois as consequências físicas e metafísicas seriam enormes.

Johanes Kepler (1571-1630)

XVII
TYCHO BRAHE E JOHANES KEPLER

Copérnico, Brahe e Kepler formaram o Trio Maravilha do século XVI. Do primeiro já falamos, quanto ao segundo, Tycho (Tyge em dinamarquês) Brahe, podemos dizer que nasceu na Dinamarca em 1546, três anos depois da morte de Copérnico, e que morreu na Polônia em 1601.

O soberano da Dinamarca, o rei Frederico II, apaixonado pela astronomia como poucos naquela época, achou por bem oferecer proteção ao jovem cientista e presenteou-o com a pequena ilha de Hveen, no estreito de Copenhagen. Deu-lha de presente para que pudesse perscrutar o céu na mais absoluta tranquilidade. Construiu na ilha um castelo, uma prensa e um observatório astronômico só para ele.

Uma vez de posse da ilha, Tycho Brahe dividiu o céu em trezentos e sessenta quadradinhos e – graças a uma dúzia de assistentes que o veneravam como um santo – definiu com exatidão a posição dos corpos celestes, até conseguir um mapa estrelar extremamente preciso. E não foi só: imprensado entre as duas teorias do momento, a ptolemaica pregada pelos religiosos, e a copernicana defendida pelos cientistas, justamente para não deixar ninguém desgostoso, imaginou uma terceira teoria segundo a qual o Sol e a Lua rodavam em volta da Terra enquanto os planetas rodavam em volta do Sol.

A única coisa que realmente importava, para ele, era que a Terra não se movesse. Tendo isso em mente, pediu ao soberano um canhão de presente para então disparar dois tiros, um para o oeste e outro para o leste. Se durante a viagem das balas a Terra se mexesse, mesmo um pouquinho, as duas distâncias resultariam diferentes. Uma vez que, no entanto, as distâncias permaneceram iguais, teve a prova de que a Terra tinha ficado perfeitamente parada.

Quando Frederico II morreu (1588), Tycho Brahe foi despedido pelo seu sucessor, mas ele não desanimou: mudou-se para a corte do imperador Rodolfo II, em Praga, e, num livro intitulado *De mundi aetherei*, escreveu o seguinte:

Tendo compreendido que tanto a teoria de Ptolomeu quanto a de Copérnico não levavam a resultados exatos, comecei a meditar comigo mesmo sobre a possibilidade de uma terceira hipótese que não estivesse em contraste com a matemática e a física.

Dessa reflexão nasceu o sistema *tychônico*, isto é, aquele que tinha como primeiro centro a Terra (em volta da qual giravam o Sol, a Lua e as estrelas) e como segundo centro o Sol (em volta do qual giravam Mercúrio, Marte, Vênus, Júpiter e Saturno). Na época, ainda nem se desconfiava da existência dos outros planetas.

No leito de morte, Brahe entregou o sistema tychônico ao seu discípulo predileto, o jovem Kepler. Este, no entanto, estava ligado demais às simetrias de Copérnico para aceitar a teoria dos dois centros. Na hora, não fez comentários, ainda mais porque o moribundo Tycho não poderia ouvir, mas com o mestre já no túmulo redigiu o seu novo sistema e publicou-o.

Johanes Kepler (1571-1630) nasceu em Weil, nos arredores de Stuttgart. O seu maior mérito

consiste em ter descoberto que as trajetórias dos planetas não são circunferências, mas sim elipses. Uma vez nomeado pelo imperador Rodolfo II "matemático da corte", também fixou residência em Praga e botou o Sol de volta em seu devido lugar. Em seguida, contando com todas as anotações do mestre Tycho Brahe, redesenhou cada uma das órbitas dos planetas. Pois bem, precisamos admitir que o seu modelo ficou inalterado por quatro séculos.

Assim como já fizera Pitágoras, Kepler também comparou as relações entre os corpos celestes e as notas musicais. Ele "sentia" que no cosmo existia uma espécie de harmonia divina que irmanava a música e a matemática. No começo das suas pesquisas chegou até a pensar que o Universo possuísse uma espécie de alma que ele chamou de *anima motrix*; então redimensionou as suas hipóteses e o definiu como um relógio que, uma vez acionado (imagina-se por Deus), não pode mais parar.

Kepler exerceu o seu gênio nas mais variadas áreas. Basta pensar que elaborou uma fórmula matemática para calcular com precisão quantos litros caberiam num barril conhecendo apenas três medidas: a base, a altura e a circunferência no meio. Escreveu sobre o assunto num ensaio intitulado *Nova stereometria doliorum vinariorium*. Também estudou a ótica fisiológica e foi o primeiro a recorrer ao uso das lentes convexas nas lunetas. E finalmente deixou à posteridade um gigantesco tratado de astronomia em sete volumes.

Como índole, era um bonachão: procurou ajudar os discípulos e principalmente a própria mãe, acusada de bruxaria pelos padres. Aproveitando-se dos seus contatos nas altas esferas, evitou que fosse mandada para a fogueira. Morreu em Regenburg aos cinquenta e nove anos de idade.

A propósito de Copérnico, Brahe e Kepler,

apraz-me imaginá-los todos no Paraíso, sentados numa nuvem, contemplando o Universo das alturas do Céu. Ficam lá, suspensos no ar, e não param um só momento de fazer perguntas um ao outro, todas elas a respeito das estrelas.

– Nicolau – Kepler diz a Copérnico –, quando tu estavas vivo, chegaste a pensar que o Universo era tão grande? Já sabes quantas galáxias existem nele?

– Quantas? – quer saber Copérnico.

– Quem me disse foi um anjo especializado em astronomia. Mais de quatrocentos milhões, cada uma formada por vinte e um bilhões de estrelas e oito milhões de buracos negros!

– Buracos negros? – pergunta Tycho Brahe. – E o que vêm a ser os buracos negros?

– Meu Deus, como és ignorante! – exclama Kepler. – Vós dinamarqueses nunca sabeis de nada! Hoje em dia até os garotos sabem o que são os buracos negros!

– E tu, em lugar de protestar – repreende-o Copérnico –, explica-lhe logo o que são.

– Chama-se buraco negro – continua Kepler, num tom um tanto professoral – uma estrela que entrou em colapso até transformar o próprio oxigênio e o próprio carbono em metais extremamente pesados, mas tão pesados que nem mesmo a luz consegue escapar. E tudo isso apenas por um problema de gravidade.

– É mesmo?! – comenta incrédulo Brahe. – Mas estas coisas só se sabem na Alemanha?

– Alemanha coisa nenhuma! – protesta Kepler. – Esta é a astronomia de hoje. Não a tua e de Frederico II.

– Mas então – continua Brahe –, se a luz não consegue sair, nós nunca vamos poder ver um buraco negro.

– Nós sim, podemos, porque já não somos seres humanos, mas sim almas – explica Kepler. – Aliás, se amanhã de manhã quiseres ver um buraco negro, olha para a M 87. Há um espetacular, por lá: fica bem no meio da galáxia. Só para teres uma ideia, é tão poderoso que até uma moedinha de nada, digamos um euro, ali pesa mais de mil toneladas.

– Um euro! – exclama Tycho Brahe, sem ter a menor ideia do que venha a ser um euro.

– Desculpa interromper – intervém Copérnico. – Mas, só para ficarmos no assunto, não tínhamos decidido jogar buraco?

– É verdade, mas está ficando tarde – responde Kepler –, e além do mais esqueci o baralho.

– Que tal darmos então uma voltinha pelo Limbo? – propõe Copérnico. – Podemos gozar Ptolomeu. Toda vez que se menciona o seu Universo, aquele com a Terra no centro, o coitado fica espumando como um possesso!

Teofrasto Paracelso (1493-1541)

XVIII
OS MÉDICOS E OS MAGOS

Vamos passar dos astrônomos aos magos. Agora, não sei o que vocês pensam da magia, mas vou logo dizendo que eu, como engenheiro, não acredito absolutamente em coisa alguma, embora não possa deixar de admitir que vez por outra acontecem fenômenos que não consigo explicar. Pois bem, a magia teve o seu momento de glória (estava quase a ponto de dizer mágico) justamente no começo do século XVI. Naquela época, enquanto o ofício de cirurgião era normalmente exercido pelos barbeiros, o de médico identificava-se quase sempre com o de mago, e quanto mais ignorantes eram os doentes, mais eles se entregavam aos bruxos.

CORNÉLIO AGRIPA

Vamos começar com Cornélio Agripa de Nettesheim (1486-1535). Ele era astrólogo, médico, filósofo e alquimista. Influenciado pelo neoplatonismo e pela cabala, afirmava que o homem estava sujeito a três níveis de magia, a saber, à *magia natural*, à *magia celeste* e à *magia religiosa*. A primeira estava ligada às forças ocultas da Natureza e, portanto, aos terremotos, às inundações e a todas as catástrofes possíveis e imagináveis; a segunda aos influxos dos astros; e a terceira à maldade do demônio. Ter então um mago ao nosso lado, como anjo protetor, era a melhor coisa que podia nos acontecer. O segredo, ele afirmava, estava na *dignificação*, isto é, em conseguir tomar a justa distância dos desejos da carne.

Ele, na verdade, parece não ter sido plenamente bem-sucedido nesse ponto, pois contam que morreu de infarto enquanto fazia amor. Entre um e outro amplexo, de qualquer maneira, teve bastante tempo para publicar o *De incertitudine et vanitate scientiarum* e o *De occulta philosophia*.

TEOFRASTO PARACELSO

Outro importante médico-mago foi Phillipus Aureolus Theophrastus Bombartus von Hehenheim, mais simplesmente conhecido como Paracelso. Como homem, era o que de pior se pode imaginar. Eis aqui a descrição que nos dá o seu editor de confiança, Johannes Oporinus:

"Nunca vi Teofrasto sóbrio por mais de duas horas seguidas. Normalmente, volta para casa, completamente bêbado, e se joga na cama sem nem mesmo tirar a roupa e com a espada presa à cintura. Depois, quem sabe, pode até levantar-se de repente, na calada da noite, para golpear os móveis e as paredes."[14]

Francis Bacon, alguns anos mais tarde, afirmaria que tanto ele quanto Agripa não passavam de dois charlatães.

Paracelso começou sua carreira queimando na praça pública, diante de um grupo misto formado por barbeiros e boticários, os livros de Galeno e Avicena. Graças a esse gesto recebeu o apelido de "Lutero da química".

O princípio que o norteava era a correspondência entre o macrocosmo e o microcosmo e, portanto, entre o mundo exterior e o homem também. Propôs uma teoria segundo a qual a saúde de um ser humano dependia da quantidade ou da falta no seu corpo de três elementos básicos: o sal, o enxofre e o mercúrio. O ser humano, dizia, é um mecanismo só curável através de práticas teológicas, astrológicas, filosóficas e alquimistas. Infeliz daquele que caísse em suas mãos.

Todos os médicos da época insurgiram-se contra ele, e Paracelso replicou publicando um ensaio intitulado *Contro i falsi medici*. Numa das suas invectivas, a terceira para sermos precisos, fala bem até mesmo dos venenos.

Vós, seus infelizes, andais dizendo que as minhas receitas estão cheias de venenos: mas será que sabeis mesmo o que são os venenos? Se Deus os criou é porque, de alguma forma, são úteis. Experimentai e vós mesmos ireis descobrir.

E nisso ele estava certo. Não por acaso, com efeito, que em grego a palavra *pharmakon* significa tanto “remédio” quanto “veneno”, dependendo das doses.

Em seu livro, Paracelso diz que os colegas médicos, traindo os ensinamentos de Asclépio, Macaon, Podalírio e Hipócrates, exerciam a profissão muito mais para ganhar dinheiro do que por caridade cristã, e conclui afirmando:

Se antes houve um traidor entre doze apóstolos, hoje em dia mal se consegue encontrar um médico honesto em cada dúzia de praticantes.[15]

GIROLAMO FRACASTORO

O veronês Girolamo Fracastoro também é lembrado na história como médico, mago, alquimista e químico. Na verdade era um poeta. Abraçou de corpo e alma a teoria de Aristóteles segundo a qual a verdadeira diferença entre o técnico e o poeta consiste no fato de o primeiro tratar do verdadeiro enquanto o segundo trata do verossímil. Escreveu um ensaio intitulado *De simpathia et antipathia* no qual descreve a atração entre as coisas semelhantes e a rejeição entre as dessemelhantes.

A sua fama, no entanto, deve-se aos seus estudos sobre uma doença que chegou à Europa após o descobrimento da América. Para os franceses era uma infecção, chamada de *napolitana*, espalhada por um marinheiro (napolitano), um certo Aniello, companheiro de Cristóvão Colombo. Na verdade, tratava-se de uma doença conhecida no mundo inteiro como *mal francês*. Sabia-se ao certo que o contágio só acontecia através de relações sexuais. Fracastoro, num volume intitulado *Syphilis sive de morbo gallico*, deu-lhe o nome de sífilis. O nome deriva de um mito grego: Sifilo era um pastor que certo dia, tendo ofendido gravemente Zeus, foi condenado a transmitir uma pestilência repulsiva toda vez que tocasse numa mulher, até mesmo de leve.

GEROLAMO CARDANO

Gerolamo Cardano (1501-1576), além de médico, mago e alquimista também foi um excelente matemático. Na sua vasta obra, compreendida em dez volumes, trata dos mais variados assuntos. Por exemplo: como recuperar navios afundados, como distinguir os cogumelos comestíveis dos

venenosos, como resolver equações cúbicas, como ganhar no jogo de xadrez e como ligar entre si dois eixos rotativos (peça que ficou justamente conhecida como *junta cardânica*).

Entre os seus conselhos mais simplórios gostamos de lembrar este: "Quando você falar com um homem, não olhe para o rosto dele, mas sim para as mãos, principalmente se for alguém em quem não confia."

Não teve, pobre coitado, uma vida fácil e feliz: ele mesmo nos conta na autobiografia intitulada *De vita propria*. Quando era criança, a mãe batia nele todos os dias e, já velho, viu um dos seus filhos acabar na forca por homicídio.

GIAMBATTISTA DELLA PORTA

Encerramos esta breve panorâmica sobre médicos e magos com Giambattista della Porta (1535-1615). Mais que propriamente médico, ele foi um estudioso de ótica. Escreveu um livro sobre os mistérios da Natureza, no qual distinguiu dois tipos de magia, a diabólica, praticada pelos falsos médicos, e a natural, exercida pelos médicos honestos. Gosto dele porque, além de mago, também era napolitano.

A propósito dos magos e dos astrólogos,

certo dia a minha amiga Adriana, uma competente secretária, chegou toda emocionada. Uma feiticeira pressagiara-lhe uma grande história de amor com um homem careca e ela, depois de apenas dois meses, conhecera um diretor de banco completamente calvo que lhe virara a cabeça.

– Você também precisa ir vê-la – disse. – Mudaria a sua vida da noite para o dia.

– Deixando de lado o fato de eu não ter a menor intenção de mudar de vida – respondi –, conte-me quantas coisas a feiticeira previu naquele dia sobre seu futuro.

– Mais ou menos umas dez. Conversou comigo por quase duas horas e até leu as cartas para mim. Disse que ia ganhar na Supersena e eu, de fato, a partir daquele dia sempre aposto uma pequena quantia. Mais cedo ou mais tarde tenho certeza que ganharei.

– E você nem desconfia – objetei – que quando só uma em dez previsões se realiza, então já não se trata de premonição, mas sim apenas de acaso? O problema fundamental, minha querida, é que você é a verdadeira cúmplice da feiticeira. Ao não mencionar as nove previsões fajutas, você a está ajudando com uma propaganda imerecida. E não é só.

– Como assim, não é só?

– Você deseja que ela adivinhe o seu futuro, ainda mais porque a pilantra faz de tudo para anunciar coisas agradáveis, e espera uma boa recompensa se porventura as profecias se realizarem.

– Não é verdade que só prediz coisas agradáveis. Também me disse que tinha mau-olhado.

– E você acreditou?

– Claro que sim, ainda mais porque com apenas três sessões livrou-me dele com um perfume que ela mesma inventou.

– Um perfume?!

– Isto mesmo, um perfume. Aqui está ele: é milagroso! – E mostra um vidrinho, para então acrescentar: – Posso garantir que desde que ando com ele na bolsa, nunca mais me aconteceu coisa alguma desagradável, a não ser este encontro com você.

---

14 Paracelso, *Contro i falsi medici*, Ed. Laterza.

15 É claro que, depois de cinco séculos, alguma coisa mudou, mas em 20 de março de 2003 apareceu nos jornais uma notícia, fornecida pela Ansa, na qual se dizia que o Conselho de Medicina e Odontologia assinalava a presença de 40 mil dentistas regulares, enquanto os dentistas irregulares seriam cerca de 45 mil. Entre estes havia guardas de trânsito, motoristas de ônibus, encanadores e outros “artesãos”.

XIX
NOSTRADAMUS

Michel de Nostredame, mais conhecido como Nostradamus, nasceu em Saint-Rémy de Provence em 14 de dezembro de 1503, exatamente ao meio-dia. O avô, de religião hebraica, se convertera ao Cristianismo justamente no dia de Nossa Senhora de Paris, e decidiu trocar de sobrenome mudando-o para Nostre-Dame. O neto Michel, aos dezesseis anos, além do francês já falava corretamente o latim, o grego e o hebraico. Estudou em Avignon onde se formou em gramática, lógica e retórica aos dezessete anos de idade. Uma vez alcançada a notoriedade, contribuiu como poucos para a difusão da astrologia.

Como muitos outros dos seus colegas, exerceu a profissão de médico e de alquimista. Tornou-se em seguida docente de medicina na Universidade da Basileia. Possuía até um observatório pessoal em Salon-de-Provence, onde passava noites inteiras estudando o movimento dos astros. Quando na França estourou a peste negra, as cidades de Bordeaux, Agen e Aix-en-Provence suplicaram que fosse socorrer os doentes, e ele não esperou um segundo chamado: passou noites e dias auxiliando os moribundos. Desde então o povo venerou-o como um santo.

Viajou muito, e não só na França. Veio à Itália, onde se demorou mais de um ano e meio. Chegou até Cuma, onde foi visitar a gruta da colega Sibila. Contam que certo dia, em Ancona, teve uma das suas muitas premonições: viu um grupo de monges atravessando a rua e se ajoelhou diante de um deles. Trinta e seis anos mais tarde aquele monge foi eleito Papa: tratava-se de Sisto V. Durante a Revolução Francesa, finalmente, o seu túmulo foi profanado e contam que o esqueleto foi encontrado com uma plaqueta entre os dedos onde estava marcada a data exata da profanação. Pode ser, mas eu não acredito.

Escreveu dez *Centúrias astrológicas*, cada uma delas formada por cem quadras, nas quais profetizou tudo o que havia para profetizar, do começo do século XVI até o ano 3797. Trata-se em geral de frases sem pé nem cabeça. O sucesso, no entanto, foi imenso e é inútil negar: dura até hoje. Foi recebido na corte pela rainha Catarina de Médici que a partir daquele dia acolheu-o sob sua proteção.

De todas as quadras escolhi uma só, a 97 da VI centúria, aquela em que prevê o desmoronamento das Torres Gêmeas. Nas palavras de Nostradamus:

A quarenta e cinco graus o céu queimará,
o fogo se aproxima da grande cidade nova,
de repente grande labareda esparsa explodirá
quando ver-se-ão os normandos de si dando prova.

E então? Como duvidar? A “grande cidade nova” e os “quarenta e cinco graus” só podem ser Nova York e a sua latitude norte, que é justamente 40,5 graus. Só faltou precisar também a hora e a data exata (11 de setembro de 2001, às 15 horas): teria sido perfeito.

A última profecia, enfim, tinha a ver com ele mesmo. Disse ao fiel secretário Chavigny: “Já não me verá ao próximo nascer do sol.” E com efeito no dia seguinte, o 2 de julho de 1566, foi

encontrado morto na cama.

Por favor, não me julguem irreverente, mas continuo achando que Nostradamus não profetizou coisa alguma. A dele é uma espécie de sabedoria *a posteriori*, quer dizer a capacidade de adaptar um fato de hoje a uma quadra escrita ontem. Escolham qualquer acontecimento, concedam-me uma meia hora de tempo e eu garanto que vou encontrar uma quadra de Nostradamus que parece feita sob medida para ele. Até a guerra do Iraque deve estar lá. É só procurar.

Bernardino Telésio (1509-1588)

XX
BERNARDINO TELÉSIO

É preciso ter sorte com os professores: se você pega os certos na escola, vai se dar bem na vida. Eu, em Nápoles, no liceu Iacopo Sannazaro, acertei em cheio seja com o de matemática, seja com o de filosofia. Os meus professores de então chamavam-se respectivamente Giuseppe Signore e Placido Valenza. Que Deus os tenha!

Bernardino Telésio (1509-1588), calabrês, ficou devendo a sua sabedoria ao *tio Antônio*, o irmão do pai. O tio era um homem de vastas leituras. Acolheu-o como aluno e transformou-o em poucos anos no garoto mais culto de toda a cidade. Levou-o então para Milão, Roma e Pádua, onde fez com que se formasse em física, matemática e medicina. Em resumo, o tio era aquele que hoje receberia o nome de *tutor*. Entre outras coisas, também livrou-o de uma encrenca em que se metera quando estava em Roma. Havia sido preso pelos *lanzichenecchi*[16] e jogado numa masmorra por fraude. O bom titio Antônio foi falar com o coronel alemão e, dizendo que o sobrinho era um débil mental, conseguiu tirá-lo de lá.

Para Telésio, as coisas importantes eram três: o Calor, o Frio e a Matéria. E, pelo menos quanto a esses princípios, nunca teve dúvidas: o Calor expandia a Matéria e o Frio a contraía. Imaginava a Matéria como uma coisa inerte, ignara, praticamente morta, incapaz de desenvolver qualquer atividade, mas então chegavam o Calor e o Frio que a despertavam e animavam. Para Telésio, a alma também era feita de matéria. Talvez uma matéria diferente, mais sutil, mais impalpável, mas mesmo assim matéria.

O conhecimento de Telésio é chamado de *naturalismo* ou *sensismo*, isto é, a capacidade de perceber através dos sentidos tudo aquilo que nos chega do exterior. Pois bem, comer, dançar, olhar para uma linda pintura, fazer amor e admirar o Vesúvio da minha velha casa de Nápoles nada mais são do que exemplos de *sensismo*. A Natureza precisa portanto ser estudada *iuxta propria principia,* ou seja, segundo os próprios princípios que colocou ao nosso dispor. Debrucemo-nos sobre o mundo, exorta-nos Telésio, entreguemo-nos, e iremos descobrir que a Natureza se aproximará de nós para deixar-se conhecer.

Telésio não via com bons olhos a metafísica e todas aquelas coisas que não se podiam medir através dos sentidos. Todos os conceitos que estudamos na escola, tais como o *ato* e a *potência*, deixavam-no profundamente irritado. Em outras palavras, não tinha a menor simpatia por Aristóteles. E não era só: também procurava evitar a teologia. Tinha tanto medo das autoridades religiosas que, não importa o assunto em questão, e por mais inócuo que ele fosse, costumava usar como fecho sempre a mesma frase: “Desde que a argumentação não esteja em conflito com as Sagradas Escrituras.”

O seu trabalho mais conhecido foi o *De rerum natura iuxta propria principia* (1586), na prática um livro sobre os principais aspectos da Natureza. No início editou-o em dois volumes, mas depois, de tanto acrescentar novos argumentos, chegou a nove. Encheu-o com tudo o que conhecia sobre o que hoje chamaríamos de meio ambiente. Falou dos mares, dos rios, do céu e dos vulcões. Falou da Natureza que “sempre opera as mesmas coisas e na mesma ordem”.

Considerava-a um ser vivo, quase um animal. Hoje em dia votaria certamente no Partido Verde. Agora, se olharmos com atenção, não podemos deixar de perceber que as teorias de Telésio também acabam se tornando metafísicas e, às vezes, até platônicas.

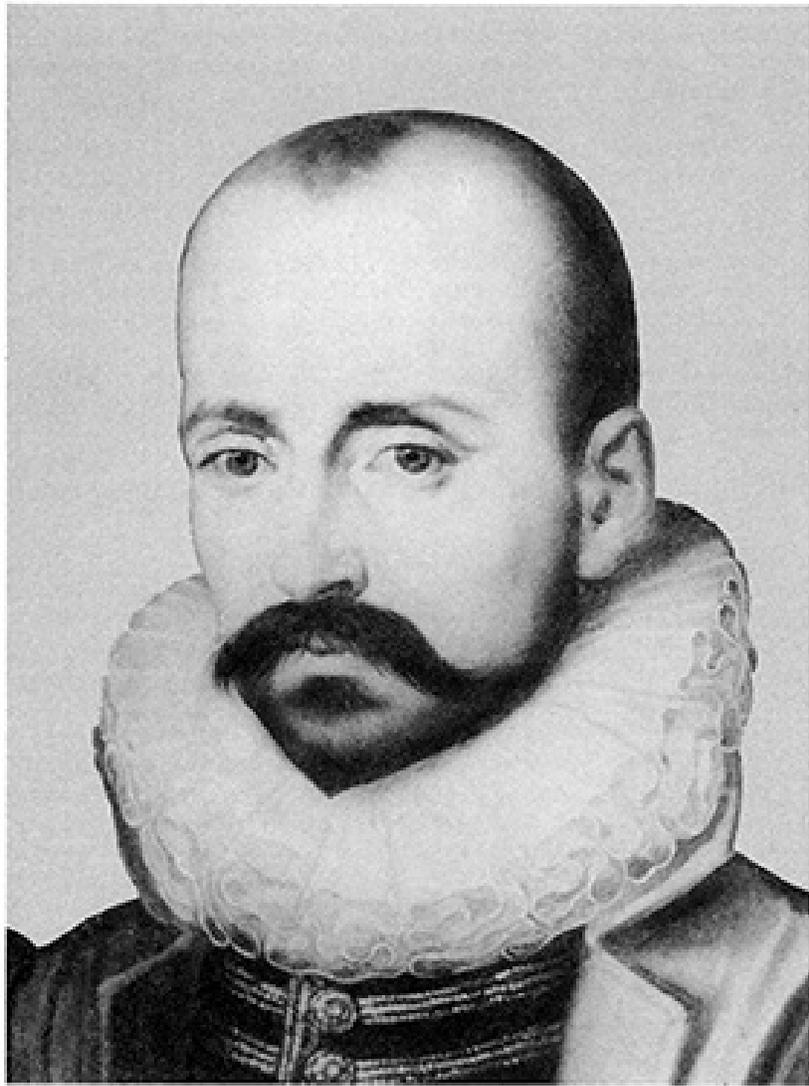
A propósito de Bernardino Telésio,

de alguns tempos para cá, tenho a impressão de eu também ter descoberto o sensismo. *Do que se trata? Muito fácil: basta não usar o chuveiro e optar pelo banho de imersão. De manhã, costumo agora mergulhar na água ainda muito quente, tão quente que quase fica difícil entrar na banheira. Então fico parado, no escuro, sem qualquer barulho de rádio ou de televisão para me distrair. Nessa altura identifico-me com a Matéria. Imagino ser um pé, somente e nada mais do que um pé, ou um braço, e perceber o mundo através do calor da água. O Q e o F que marcam as torneiras estão lá para lembrar o Quente e o Frio de Telésio.*

Certa vez fiquei até pensando nos espartanos que, tendo de vestir uma só roupa durante o ano inteiro, eram forçados a escolher entre a lã e o linho. Melhor aguentar o calor no verão ou o frio no inverno?, perguntavam-se os espartanos.

Qual seria a minha escolha, francamente não sei. Ao sair da banheira, fico muitas vezes perguntando a mim mesmo e, dependendo da estação, costumo mudar de opinião.

---

16 Nome italianizado de *landsknecht*, lanceiros mercenários alemães. (N. do T.)

Michel de Montaigne (1533-1592)

XXI
MICHEL DE MONTAIGNE

Michel de Montaigne (1533-1592) é realmente um bravo. Seus livros não são difíceis de ler. Não são lá muito divertidos, isto é verdade, mas são sempre compreensíveis: desde a primeira até a última página. O título da sua obra mais famosa, *Ensaios*, dá logo uma ideia de quais eram as suas intenções, isto é, "ensaiar" as experiências pelas quais passou na vida para delas tirar algum sentido. Disso resulta um retrato pessoal, político e moral de um homem feito muito mais de cérebro do que de coração.

Nasceu na França num majestoso castelo de sua propriedade, justamente o castelo de Montaigne. Fica mais ou menos para o lado de Bergérac, a terra de Cyrano. Ele, no entanto, ao contrário do herói de Rostand, não era nem poeta nem espadachim. Era apenas um indivíduo extremamente racional. Estudou direito e filosofia e viajou para cima e para baixo por toda a Europa, principalmente pela Suíça, Alemanha e Itália. Em 1580 passou até por Roma. Então, uma vez nomeado prefeito de Bordeaux, voltou para a sua terra, levando consigo 271 livros para ler, e nunca mais saiu de lá até morrer.

O protagonista dos seus *Ensaios* chama-se "eu", e esse "eu" era de fato ele mesmo. Alguém chegou a defini-lo como um "pintor da sua própria pessoa". Nos *Ensaios*, com efeito, ele se critica e compara com os outros. Parece até que ficava escrevendo sentado diante de um espelho. Sua meditação, nunca religiosa e sempre leiga, era baseada muito mais nas vicissitudes humanas do que nos ideais a serem alcançados. Ele oscila entre uma visão estoica da vida e uma visão cética. Quanto mais pensa no presente, mais duvida do futuro. Em outras palavras, dá-se conta da precariedade, e principalmente da brevidade, da existência humana. Não se interessa tanto pelo Ser, portanto, quanto pelo Devenir. Para Michel de Montaigne o homem é um verdadeiro paradoxo. É "a mais frágil entre todas as criaturas e, ao mesmo tempo, a mais pretensiosa". Aqui estão cinco pensamentos tirados dos seus *Ensaios*:

Nunca estamos juntos de nós mesmos, mas sim sempre um pouco além. O medo, o desejo e a esperança sempre nos empurram para o futuro e nos tiram a consciência do presente. Acabaremos nos interessando por aquilo que será, isto é, pelo momento em que já não existiremos.

Eu descrevo o homem assim como ele é. Se estivesse em meu poder criá-lo de novo, criá-lo-ia diferente, mas já está feito e agora é tarde. A minha é uma vida humilde e sem qualquer brilho.

Um sopro de vento contrário, o crocitar de um bando de corvos, o tropeço de um cavalo, a fortuita aparição de uma águia, um sonho, um sinal, uma voz na escuridão, uma geada matinal já bastam para abalar um homem e prostrá-lo.

Os outros se queixam porque falo demais sobre mim mesmo, e eu me queixo porque os outros nunca falam de si. Será que um dia saberemos quem está errado?

Será possível imaginar algo mais ridículo do que uma criatura miserável que se julga dona do Universo quando na verdade nem é dona de si mesma?

Em resumo, mais pessimista do que ele não é possível encontrar. Nesse sentido, um precursor do nosso Leopardi. O que não dá para entender é por que não se matou.

A propósito de Michel de Montaigne,

há alguma coisa na sua filosofia que sempre me estimulou a pensar. Em um dos seus Ensaios[17] *Montaigne diz que* "na maioria dos casos julgamos os nossos similares não a partir do raciocínio, mas sim a partir daquilo que pensa a maioria".

Logo em seguida examina o problema do canibalismo. Comer um ser humano, por exemplo, é uma ação reprovável, mas só se começássemos a mordê-lo enquanto ainda está vivo. Se, todavia, já está morto, a quem estaríamos prejudicando? A ninguém. E por que então não fazê-lo, se aqueles quilos a mais puderem permitir que outros sobrevivam?

Esses pensamentos passaram pela cabeça de Montaigne porque no seu castelo havia um criado africano, um ex-canibal. Pois é, na sua opinião esse serviçal era uma ótima pessoa que no decorrer da vida nunca tinha feito mal a viv'alma, e fique bem claro que devemos nos concentrar principalmente na parte viva *da palavra.*

Acontece que cada um tende a considerar reprovável tudo o que não faz parte da sua maneira de viver.

Os primeiros a raciocinar nesses termos foram justamente os antigos gregos. Consideravam bárbaros *todos os povos estrangeiros. Consideravam por exemplo condenável a poligamia, salienta Montaigne, mas ao mesmo tempo aceitavam outras manifestações horríveis tais como a tirania, a deslealdade e a crueldade.*

---

17 Michel de Montaigne, *Ensaios*, tomo I, 31.

Giordano Bruno (1548-1600)

XXII
GIORDANO BRUNO

Filippo Bruno (1548-1600) nasceu em Nola, filho de um soldado. Ainda muito jovem entrou como noviço num convento de Dominicanos e, aos vinte e quatro anos, saiu de lá como sacerdote, com o nome de Giordano. Os seus problemas começaram no dia em que tentou conciliar o Catolicismo com o Neoplatonismo. Declarou-se filho espiritual de Demócrito, Heráclito, Lucrécio e Epicuro, e foi justamente esta última paternidade a responsável por uma infinidade de dores de cabeça. O seu problema principal, com efeito, foram as mulheres: gostava demais e não conseguia ficar sem elas. Certo dia gabou-se dizendo que tivera mais mulheres do que o rei Salomão, o qual, segundo a Bíblia, só tinha tido mil.

Acreditava na Natureza e na sua contínua transformação. Costumava dizer: "*Nihil annihilat*", no sentido de que nada desaparece e que tudo volta ao ponto de partida. "*Caminhar, nadar, amar, vegetar, sentir, viver e morrer nada mais são do que um contínuo viajar em círculo.*" Mais ou menos no estilo do *panta rei* de Heráclito, para se ter uma ideia.

Bruno não era o que poderíamos definir como um rapaz bonito, mas a sua oratória, em compensação, era arrebatadora. Bastava que começasse a falar para que qualquer ouvinte ficasse fascinado.

De qualquer maneira, verdadeiros ou falsos que fossem os seus pecados, foi forçado a despir a túnica monástica e a dedicar-se ao ofício de professor de filosofia. Arrumou primeiro um emprego em Novi Ligure e então, sucessivamente, em Turim, Veneza e Pádua, onde alguns monges convenceram-no a voltar para o convento.

Mais uma vez, no entanto, a sua vida monástica teve curta duração. Acabou decidindo ir embora da Itália e se dirigiu primeiro a Genebra (onde se desentendeu quase imediatamente com os calvinistas), e em seguida à França, onde Henrique III, que tinha ouvido falar dele como um mago de excepcional memória, acolheu-o no palácio para que lhe ensinasse a arte de lembrar.

Infelizmente, em Paris tampouco as coisas correram bem: brigou, quase chegando às vias de fato, com os próprios alunos e escreveu uma comédia, *Il candelaio*, na qual injuriava o clero e os professores da Sorbonne. Escreveu então *De umbris idearum*, referindo-se ao mito da caverna, *La cena delle ceneri*, *De la causa principio et uno*, *De l'infinito universo e mondi*, *Spaccio della bestia trionfante*, *Cabala del cavallo pegaseo* e *De gli eroici furori*.

Forçado a deixar a França, viajou à Inglaterra onde conheceu a rainha Elizabeth I. Nem precisa dizer que em Londres também brigou com todos, particularmente com o diretor do Lincoln College. Uma vez de volta à Itália, em Veneza, foi hospedado por um nobre patrício veneziano, Giovanni Mocenigo.

Em resumo, se por acaso alguém ainda tiver alguma dúvida, Giordano Bruno tinha um caráter, digamos assim, um tanto difícil. Nunca se dobrava diante de um contestador e jamais entrava em entendimentos com quem não concordava com ele. As suas ideias a respeito da astronomia fizeram com que todo o mundo eclesiástico se levantasse contra ele. Pois, com efeito, ele acreditava que a Terra nada mais fosse do que uma pedrinha perdida no universo, e que os planetas como o nosso existissem aos milhares, aliás aos milhões. Pois bem, naquela época

isso era mais do que suficiente para ser considerado um herege.

O tal de Mocenigo, em Veneza, não demorou a revelar-se um ilustre patife. Só convidara Giordano Bruno para aprender a mnemotécnica, ou seja, a arte de exercitar a memória, mas quando se deu conta de quem era o seu hóspede, seguindo os conselhos do seu confessor de confiança, foi logo denunciá-lo à Santa Inquisição. Uma vez que os tribunais eclesiásticos da época eram o que de pior se pudesse imaginar, além do mais porque conduziam os interrogatórios recorrendo à tortura, o coitado do Bruno teve de aguentar nove meses de processo em Veneza e sete anos de cárcere em Roma.

O seu mais acirrado inimigo foi o cardeal Belarmino, um prelado que tudo sabia do Cristianismo, menos o preceito segundo o qual seria aconselhável não fazer aos outros o que não se gostaria que fosse feito a nós mesmos. Belarmino examinou com o maior escrúpulo todos os escritos de Giordano Bruno e o encostou na parede com quatro acusações: primeiro por não acreditar na Eucaristia, segundo por não acreditar na Santíssima Trindade, terceiro por defender a pluralidade dos mundos e quarto por acreditar na transmigração da alma do corpo de um homem para o de um animal. E não foi só: Belarmino também exigiu que confessasse ter comido carne às sextas-feiras e ter copulado com numerosas prostitutas.

Ele admitiu todos os pecados, tanto os de gula quanto os de luxúria, mas quando o cardeal lhe pediu para mudar as suas ideias no que dizia respeito à religião e à astronomia, recusou-se até mesmo a responder. Foi condenado e queimado vivo em Campo de' Fiori, em 17 de fevereiro de 1600.

Contam que quando leram a sua condenação ele exclamou: "Vós que estais pronunciando a sentença estais tremendo mais do que eu que a recebo!"

A propósito de Giordano Bruno,

para escrever alguma coisa sobre ele, fui sentar a uma mesa do "Grottino", um pequeno restaurante em Campo de' Fiori localizado bem em frente a sua estátua, no lugar exato onde foi queimado vivo. Olho para ele: mantém a cabeça virada para o chão. Até parece que está vendo o seu próprio corpo na fogueira. A sombra do capuz impede que enxergue o seu rosto, mas ainda assim posso imaginá-lo. Está olhando para si e não esconde um certo orgulho. Entre as chamas e afirmar uma mentira, preferiu escolher as chamas.

Sempre fiquei imaginando se a pessoa sofre muito ao ser queimada viva. A morte em si não me impressionava tanto assim. O que me deixa apavorado mesmo é a dor. Se o fim for mais ou menos como o desligar de um interruptor, dá para enfrentar sem muito receio. Mas se for coisa sofrida, com mais de dez minutos de duração, então já é terrível. Houve pessoas que, no desmoronamento das Torres em Nova York, preferiram jogar-se lá de cima a enfrentar o fogo. Será que agiram certo? Francamente, não sei.

Sobre Giordano Bruno escreveram-se muitas biografias. A melhor e mais sintética, no entanto, parece-me ser a do poeta romano Trilussa.

Acabou como um carneiro assado
Pois confiava no livre-pensar,

E se um padre dizia: “Pode acreditar”
Respondia: “Desconfio um bocado!”

XXIII
FRANCISCO SUÁREZ E LUIS DE MOLINA

Fiquei um bom tempo indeciso quanto a incluir ou não Francisco Suárez (1548-1617) e Luis de Molina (1535-1600) nesta breve história da filosofia moderna. Trata-se de dois filósofos considerados menores. Definição da qual nunca gostei. Depois também pensei que ignorá-los por completo poderia deixar desgostoso algum dos meus leitores espanhóis e decidi acrescentá-los. Não encontrá-los, para os espanhóis, seria como para mim, napolitano, não encontrar Giordano Bruno, que nasceu a uns vinte quilômetros de Nápoles.

Acontece, no entanto, que para entender realmente Suárez e de Molina é preciso ter frequentado pelo menos alguma vez os jesuítas. Em Nápoles os jesuítas tinham um convento onde organizavam todos os domingos um torneio de futebol. Nós garotos dos anos 1940 íamos jogar lá, e a única coisa que nos pediam em troca era assistir a uma missa antes da pelada. A missa nunca acabava, arrastava-se ao infinito, parecia eterna. Mas a nossa vontade de jogar era igualmente eterna, e portanto aguentávamos até o fatídico *Ite missa est*.

Na época, eu tinha a impressão de estar lidando com uma seita de fanáticos. Nunca, mas nunca mesmo, aceitaria confessar-me com um jesuíta. Tenho certeza de que pelo menos os atos impuros ele nunca iria perdoar. Estou contando isso porque tanto Suárez quanto De Molina eram jesuítas.

A Escolástica, naquele tempo, já não tinha mais nada a dizer, ou quase nada, e a Fé tinha sido colocada sob o comando da Razão. Naquela altura, porém, justamente devido aos vários pensadores como Suárez e De Molina, nasceu o *tomismo*, isto é, uma espécie de nova Escolástica que reconhecia tanto o poder eclesiástico quanto o poder temporal. O primeiro, no seu entender, dependia do Nosso Senhor, e o segundo do povo. E o rei? Se acreditarmos em Suárez e em De Molina ele não contava mais nada. Deus, com efeito, era superior ao povo que por sua vez era superior ao rei. Os dois, no entanto, acreditavam na ortodoxia católica e no livre-arbítrio, e foi exatamente por isso que se distanciaram de Lutero e dos calvinistas.

Francisco Suárez escreveu as *Disputationes metaphisicae,* um ensaio sobre *Dottrina politica* e o *De vera intelligentia*.

A Luis de Molina devemos uma obra intitulada *Accordo tra il libero arbitrio e i dani della Crazia, tenendo conto della divina prescienza, della providenza, della predestinazione e del castigo*. Para entendermos do que se trata, creio que basta ler o título.

Francis Bacon (1561-1626)

XXIV
FRANCIS BACON

Se Francis Bacon tivesse precisado de um *spot* para os seus livros, poderia ter começado dizendo: "Saber é poder." No século XVI, com efeito, todos os que sabiam mandavam e todos os que não sabiam obedeciam. Ele, Bacon, era um daqueles que sabiam e, portanto, comandava. Em comparação com a Idade Média, o mundo à sua volta mudara profundamente: a pólvora, a invenção da imprensa e a bússola haviam revolucionado a própria maneira de viver. Naquele tempo, para uma nação, ter um exército provido de fuzis era como hoje em dia ter a bomba atômica. Basta pensar, por exemplo, no que os espanhóis e os portugueses fizeram na América Latina: uns poucos homens, mas armados de fuzis, conseguiram conquistar um continente inteiro.

Francis Bacon (1561-1626) nasceu numa conceituada família londrina. Seu pai era nada mais nada menos do que *sir* Nicholas Bacon, Lorde Chanceler da rainha Elizabeth I.

Aos doze anos matriculou-se em Cambridge, aos vinte e três entrou no Parlamento e aos cinquenta e seis assumiu o cargo do pai ao lado da rainha. Primeiro tornou-se conselheiro de Lorde Essex, depois o seu *alter ego*, e finalmente seu adversário político logo que o coitado caiu em desgraça. Nem sempre, no entanto, foi favorecido pela sorte: em 1621, na qualidade de juiz, foi acusado de peculato. Parece que recebeu dinheiro de uma das partes. Ele se defendeu dizendo que também o recebera da outra parte, mas isso não foi suficiente para desculpá-lo. Teve de ficar quatro dias numa cela.

Para entendermos Bacon precisamos, antes de mais nada, compreender a diferença entre *indução* e *dedução*. Damos o nome de *indução* a um raciocínio lógico que parte do particular para chegar ao universal. A *dedução*, por sua vez, é o caminho inverso: quer chegar ao particular partindo do universal. Exemplo de indução: Halina é uma jovem nigeriana que mora na Itália e trabalha como prostituta. Sou portanto induzido a pensar que todas as nigerianas que moram na Itália são prostitutas. Exemplo de dedução: todas as nigerianas que conheço trabalham como prostitutas, razão pela qual Halina, que é nigeriana, deve ser uma prostituta.

Dei de propósito dois exemplos errados justamente para convidar o leitor a desconfiar tanto da indução quanto da dedução. O que precisamos fazer é avaliar cada fato individualmente, e só confiarmos na estatística quando os casos examinados são mais de 99 por cento do total. E olhem bem: nem assim podemos ter certeza absoluta. Bertrand Russell conta que certo dia um encarregado do censo, depois de interrogar os primeiros mil habitantes de uma aldeia do país de Gales e descobrir que todos eles se chamavam Williams, parou o trabalho e tirou um dia de folga. Pois bem, cometeu um erro imperdoável: um dos habitantes, com efeito, não se chamava Williams, mas sim Jones.

Mas vamos voltar a Bacon. Ele amava a indução, detestava a dedução e, com ela, o silogismo. Também desprezava a matemática, considerando-a pouco experimental. Para ele a lógica aristotélica não valia nada: era dedutiva demais. Dizer "Se o mundo existe, também deve existir alguém que o criou" é um raciocínio que só pode ser aceito por um ignorante.

Os perigos, para Bacon, eram os *idola*. Ele classificou-os segundo quatro tipos:

– Os *idola tribus*, que são impingidos na nossa natureza humana, quer dizer no nosso inconsciente.
– Os *idola specus*, que vêm do fato de, como diz Platão, não vermos as Ideias, mas sim apenas a sombra delas. Temos portanto uma ideia distorcida da realidade que nos cerca.
– Os *idola fori*, ligados aos preconceitos sociais e a tudo aquilo que a maioria pensa.
– Os *idola theatri*, decorrentes das falsas filosofias e dos autores não confiáveis.

O método baconiano era formado por duas partes: a *pars destruens*, que consistia em acabar com os *idola*, e a *pars construens* que convidava a estudar a ciência.

Para sermos inteiramente honestos, não podemos concordar cem por cento com Bacon. Se não houvesse a dedução, uma boa parte da ciência que estudamos na escola iria por água abaixo. Ele, na verdade, gostava da ciência, mas detestava Copérnico e Kepler, que tinham deduzido a composição do universo justamente graças à observação cotidiana de céu estrelado.

Famosa é a sua metáfora sobre as formigas, as aranhas e as abelhas. Os homens empíricos, diz Bacon, são como as formigas: juntam tudo o que encontram para poder usá-lo. Os racionais, por sua vez, são como as aranhas que tiram do seu próprio corpo os fios para tecer a teia. Os melhores, finalmente (isto é, ele mesmo), são como as abelhas que transformam o néctar das flores em cera e mel. Bacon, como podemos constatar, não era propriamente uma pessoa modesta.

Publicou, nesta ordem, os *Ensaios*, o livro *O progresso do conhecimento*, o *Cogitata et visa*, o *De sapientia veterum*, o *Novum organum*, uma *Historia naturalis* e, póstumos, o *Silva silvarum* e a *Nova Atlântida*.

A propósito de Francis Bacon,

voltou à minha mente uma velha suposição. Alguém, certo dia, começou a espalhar o boato que na verdade Bacon havia sido Shakespeare. É a mesma época: final do século XVI, começo do XVII. As qualidades, afinal, parecem todas favorecer Bacon. Quem era Shakespeare? Um atorzinho sem maior expressão? Mas então, temos todo o direito de nos perguntarmos: podia de fato um atorzinho escrever trinta e sete peças entre as quais Romeu e Julieta, Otelo *e* Hamlet*? Só a frase* “Ser ou não ser” *pressupõe a existência de um filósofo. Será então que foi mesmo Bacon o autor? É o que muitos pensam, e até Umberto Eco escreveu sobre o assunto um conto intitulado “Shakespeare era realmente Shakespeare?”. Mas acontece que ao lê-lo percebemos logo que nem mesmo ele acredita no que escreveu.*

Tommaso Campanella (1568-1639)

XXV
TOMMASO CAMPANELLA

Quem nasce no Sul da Itália, como Telésio e Campanella, não pode deixar de sentir-se influenciado pela natureza que o cerca. Tanto Campanella quanto Telésio, com efeito, acreditaram no *sensismo* e no fato de a Calábria ter uma alma toda dela, diferente daquela das demais regiões. Nem seria possível imaginar, só para dar um exemplo, uma comparação com a alma da Padânia. Passem um ano em cada região, e vocês mesmos vão se dar conta disso. De qualquer maneira, a metafísica de Campanella é ainda mais metafísica do que a de Telésio, se nos for permitido dizer uma coisa dessas.

Campanella (1568-1639) nasceu em Stilo, na costa jônica da Calábria. No começo chamava-se Giandomenico, mas depois, em homenagem a são Tomás, decidiu mudar de nome e ser chamado de Tommaso. Na escola, no entanto, os companheiros chamavam-no "Setemontês", devido a sete protuberâncias calosas que tinha na testa. Aos catorze anos entrou num mosteiro de dominicanos. Então, quando saiu de lá, entregou-se ao ofício de mago e astrólogo e, seguindo um roteiro que já conhecemos, foi acusado de heresia. Para piorar a situação, finalmente, decidiu defender Galileu num ensaio intitulado *Apologia de Galileu*.

Duas foram as aflições que lhe tornaram difícil a vida: as conspirações políticas e os processos por heresia. Vamos começar pelas conspirações: Campanella não tolerava os espanhóis. Para enfrentá-los tramou toda uma série de complôs. Alistou sujeitos de qualquer laia: bandidos, assassinos, monges depravados. Aceitava qualquer um, desde que odiasse o vice-rei espanhol tanto quanto ele. Chegou a convocar até uns turcos. Eles chegaram com uma frota de trinta galés e fundearam ao largo da costa de Stilo. Nunca chegaram a desembarcar. Limitaram-se a marcar presença. O suficiente, em resumo, para espalhar algum medo.

O outro problema foram os quatro processos por heresia. Entre Nápoles, Roma, Florença e Pádua, teve de aguentar nada menos que vinte e sete anos de cárcere com breves intervalos. Durante as audiências foi acusado de tudo: afirmar que Deus não existia, que a Trindade era uma mentira, que Jesus não era filho de Deus e que Maria não era virgem. Então, para completar o quadro, acusaram-no de sodomia e de *panteísmo panpsíquico*. Só evitou a condenação à morte porque conseguiu fingir ser louco. Parece que foi capaz de continuar risonho até durante a tortura, e aquilo bastou para convencer os algozes de que era melhor soltá-lo.

Uma vez livre, fugiu para a França onde buscou a proteção de Luís XIII que, além de salvar-lhe a vida, também outorgou-lhe uma confortável pensão.

Os encontros que mais marcaram o seu pensamento foram os com Telésio e os com um rabino astrólogo. Entre o *sensismo* telesiano e o *ocultismo* hebraico nasceu a sua filosofia. Além disso, também era poeta. Escreveu um grande número de madrigais. Aqui está um no qual declara o seu amor pela leitura:

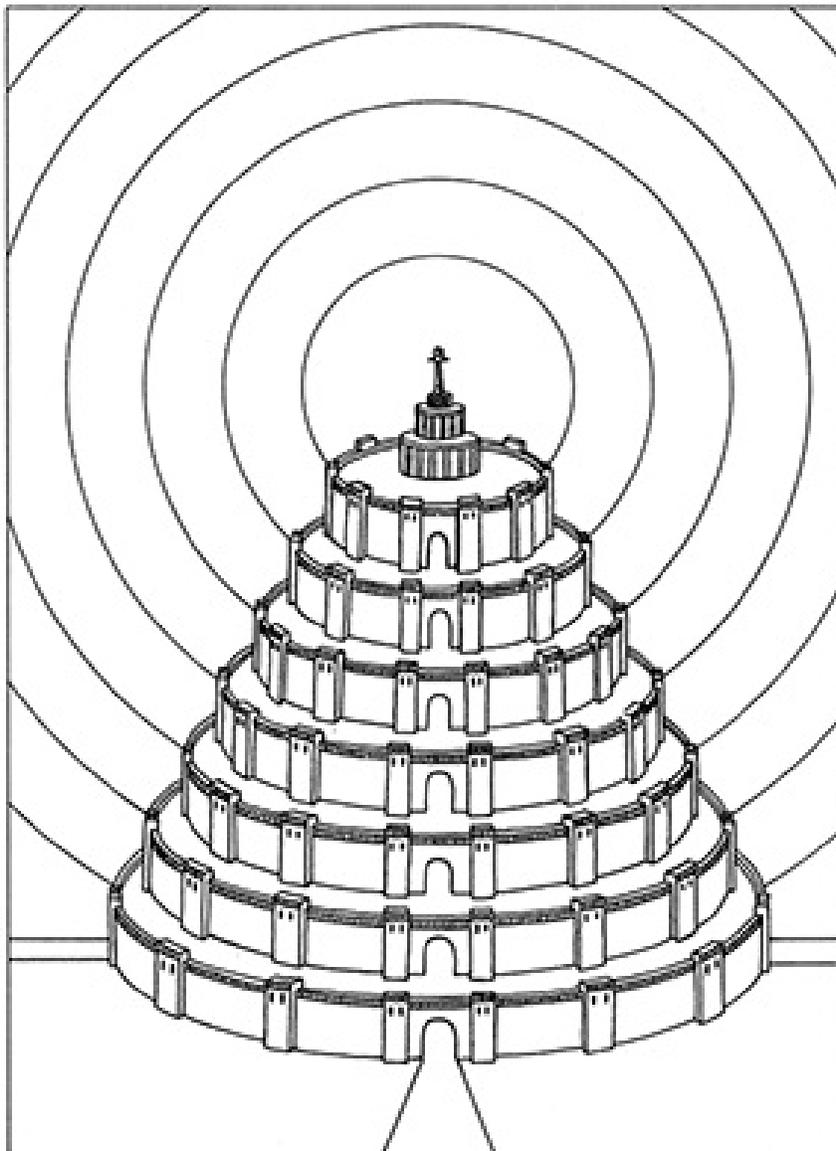
Na mão de ferro do cérebro,
Devoro todo livro ao meu alcance.

Inúmeros são aqueles que já li
E mesmo assim de jejum eu morro.

Na verdade, entre os livros e a Natureza, ele optou pela Natureza. Afirma isso sem meias palavras no ensaio *Sul senso delle cose*:

Aprendo mais de uma formiga ou de um fio de grama do que de todos os livros escritos desde o começo dos séculos. Filosofar, para mim, significa ler o livro escrito por Deus.

Para Campanella todas as coisas têm uma alma e falam umas com as outras. "Há plantas cujos frutos se tornam pássaros e há pássaros que conversam com as estrelas." Em muitos casos, finalmente, o saber identifica-se com o sabor e, portanto, com o conhecimento físico. "É pelos sabores que o gosto sabe." Depois disso, explica o ser e os seus três níveis: "Quem pode é, quem é sabe, e quem sabe ama." Nesta altura, já não sei se é mais apropriado defini-lo um filósofo ou um poeta.

Entre as suas melhores obras lembramos *A Cidade do Sol*, a *Philosophia sensibus demonstrata,* o *De sensu rerum et magia*, o *Discorsi di Principi d'Italia* e a *Metafisia*. Tudo escrito, como é fácil imaginar, no cárcere.

Representação gráfica da Cidade do Sol de Tommaso Campanella.

A Cidade do Sol ergue-se em cima de uma colina e é formada por sete cinturões sobrepostos,

por sua vez dominados pelos sete planetas. No topo da colina surge um templo redondo com uma cúpula apoiada em colunas e furada em cima para permitir que a luz ilumine um altar. O Grande Sacerdote é o Sol. Os Príncipes em volta dele chamam-se Pon, Sir e Mor e representam, respectivamente, o Poder, o Saber e o Amor, isto é, os três requisitos do Ser. Na Cidade do Sol todos os bens são comunitários como na República de Platão.

A propósito de Tommaso Campanella,

soube que certa vez escreveu até uma poesia erótica. Quem me contou foi o historiador Lucio Villari.

– Não acredito! – exclamei.

– É a pura verdade – ele rebateu. – Se quiser saber mais, procure a antologia intitulada "Otto secoli di poesie italiane, da San Francesco a Pasolini". *Nela poderá encontrar um soneto de Campanella.*

De posse do livro, li a poesia e não entendi absolutamente nada. Aqui está ela, transcrita palavra por palavra:

As faces de Maria, que de Deus
Só podem ser imagem verdadeira na Terra,
E a mão, providência que não erra,
Molhadas por mim em gesto cortês e pio,

Peguei a água e derramei-a no corpo meu,
Já destroçado após longa guerra
Pela aflição que todo forte aterra
Do mesmo licor tomando um gole eu.

Milagre de amor estupendo e raro!
Parou a dor, mais forte me tornei,
As chagas e as feridas se fecharam.

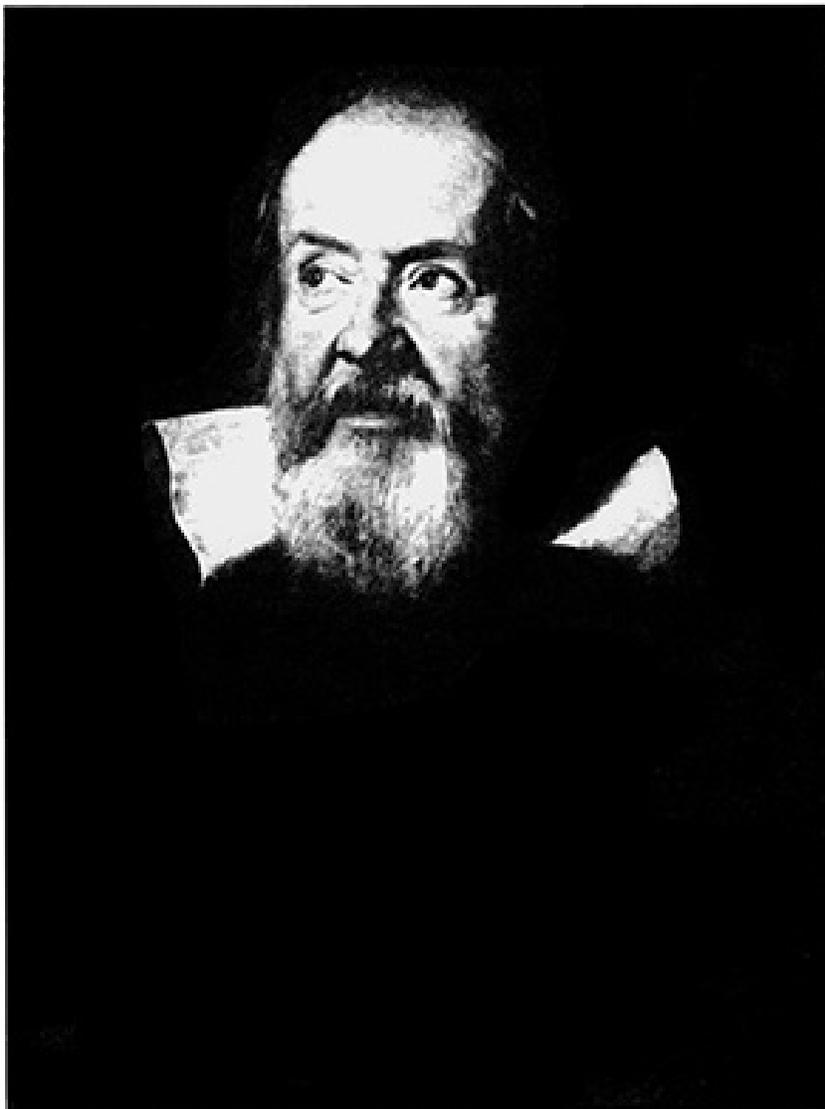
Sentindo-me absorver pela beleza,
Com júbilo as entranhas dela passaram
Para a minha doce vida, da morte.

Então, graças a Lucio Villari, mesmo sem realmente entender, consegui pelo menos intuir.

Parece que certo dia o nosso filósofo, ao voltar para casa depois de uma longa guerra, encontrou a mulher enfiada numa tina, se lavando. Apesar de cansado e destroçado, *espera que a dama saia da banheira para então ele mesmo entrar nela. Ao fazer isso, devido à mesma água, cria um contato indireto entre o próprio corpo e o da mulher amada. E não é só: toma um gole* do mesmo licor, *quer dizer, da água em que está mergulhado.*

Pois bem, acontece então o milagre de amor estupendo e raro! Parou a dor *e* as chagas e as feridas se fecharam. *Finalmente, pensando nas* belezas *que acabava de ver*, a mão,

providência que não erra, *cuidou do resto, isto é, começou a masturbar-se.*

Villari não concorda comigo neste último particular, mas se não for isso, como é que com júbilo as entranhas dela passaram para a doce vida, da morte?

Galileu Galilei (1564-1642)

XXVI
GALILEU GALILEI

Será que existe alguém que não gosta de brincar com um telescópio? Eu quase fiquei vidrado nisso lá pelo fim dos anos de 1940. Estava com dezoito anos e queria ver mais de perto a estrela Sirius. Infelizmente, contudo, naquela época não tinha bastante dinheiro nem para comprar um binóculo. Agora, que finalmente o dinheiro não me falta, as luzes da cidade não me deixam ver coisíssima nenhuma. A vida é assim mesmo: quando a gente pode, falta o dinheiro, e quando há dinheiro, a gente já não pode. E isso não vale apenas para o telescópio, mas sim para todas as coisas boas na vida.

Galileu foi o inventor da luneta (não é verdade, mas gosto de dizer isso). O inventor verdadeiro, na realidade, foi um certo Zacharias Janssen, um ótico judeu que morava na cidade de Middelburg, na Holanda. Acontece que quando Galileu soube que "um flamengo inventara um óculo graças ao qual os objetos distantes pareciam próximos" entregou-se logo ao trabalho de construir um para o seu uso pessoal. Ele mesmo nos conta no *Sidereus nuncius* de 1610:

"Peguei um cano de chumbo com mais de um metro de comprimento e coloquei nas pontas duas lentes, uma côncava e a outra convexa, mas ambas planas do lado interno. Encostei então o olho na côncava e vi os objetos aumentados mais de sessenta vezes."

Resumindo: não descobriu a luneta, mas redescobriu-a. Para coroar tudo isso, finalmente, apareceu a Accademia dei Lincei que batizou o instrumento com o nome de telescópio, que em grego quer dizer "que vê longe".

Galileu Galilei (1564-1642) nasceu em Pisa, filho de Vincenzo Galilei, músico, e Giulia Ammannati, do lar. Os pais gostariam que se tornasse médico, mas ele estava apaixonado demais pela álgebra e a geometria para dedicar-se aos doentes. Apresentou uma dificílima tese sobre equações de terceiro grau e escreveu, em latim, um ensaio sobre o Centro de gravidade dos sólidos. No ano seguinte publicou a *Bilancetta* (*Pequena balança*), uma espécie de homenagem ao grande Arquimedes. Mas não fiquem pensando que se tratava de um fissurado pela matemática e a física. Também dedicou-se, com efeito, aos estudos humanísticos e deu numerosas aulas na Academia Florentina sobre a *Jerusalém libertada* de Tasso e sobre o *Inferno* de Dante. De certa forma, seguiu o mesmo caminho já percorrido antes por Leonardo da Vinci. Escreveu *Architettura militare, Trattado sulle fortificazioni, Trattado sulla sfera e Meccaniche.*

O uso cotidiano do telescópio permitiu-lhe averiguar o fundamental acerto das teorias de Copérnico e, a respeito disso, escreveu quatro cartas, as chamadas *Lettere copernicane*, uma das quais endereçada ao colega Kepler. A sua obra mais importante, no entanto, foi o *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo* (1642). No texto faz três personagens conversarem: Simplício, Salviati e Sagredo. O primeiro defende a tese de Ptolomeu, o segundo a de Copérnico e o terceiro representa o público desejoso de saber a verdade.

Infelizmente, entretanto, o *Diálogo* também foi lido pelas autoridades eclesiásticas e então

começaram os problemas. Durante a Idade Média a Igreja olhara com desconfiança para os óculos, imagine só o que devia então pensar das lunetas! "O Nosso Senhor", diziam os padres, "já nos deu os olhos para vermos tudo o que há de indispensável. Tudo mais, só devemos vê-lo com os olhos da Fé."

Graças ao seu telescópio, por sua vez, Galileu viu milhares de estrelas invisíveis a olho nu, descobriu que a Lua não era achatada e lisa como desde sempre se acreditara, que as nebulosas não eram nuvens mas sim aglomerados de milhares de estrelas, e que Júpiter tinha quatro satélites. Chamou estes últimos de *Estrelas dos Médici*, em homenagem a Cosme II de Médici. Dirigiu finalmente as suas invectivas contra Lutero que tinha definido Copérnico como "um astrônomo de meia-tigela" só porque nas Sagradas Escrituras Josué tinha ordenado que o Sol, e não a Terra, parasse.

"A astronomia e a Fé", salientou Galileu, "não estão em oposição: o importante é que cada uma se limite ao próprio âmbito. A finalidade da Fé é salvar as almas, a da astronomia é estudar o Universo. Podemos perfeitamente acreditar em Deus e ao mesmo tempo achar que a Terra roda em torno do Sol."

Em 1615 foi processado e condenado ao cárcere pelo resto da vida. Só graças à amizade do Papa Urbano VIII (Maffeo Barberini) conseguiu que lhe comutassem a pena em prisão domiciliar a ser cumprida na casa do arcebispo Piccolomini, sempre deixando bem claro que enquanto isso não escrevesse mais coisa alguma sobre os movimentos terrestres nem se atrevesse a pronunciar de novo a palavra Universo. O seu adversário foi o já conhecido cardeal Belarmino, o mesmo que perseguira até o fim Giordano Bruno e outros pensadores.

Casou-se e teve três filhos: Virgínia, Lívia e Vincenzo.

A primeira tornou-se freira com o nome de Maria Celeste e morreu muito jovem. Para Galileu foi a maior dor em sua vida. Entre pai e filha, com efeito, existira uma contínua correspondência, até nos momentos mais difíceis, os dos processos: ele a amava de todo coração e ela o adorava.

Já idoso, Galileu ficou cego e só conseguiu mexer-se graças à ajuda dos discípulos Evangelista Torricelli e Vincenzo Viviani. Este último, quando o mestre morreu, escreveu: "Deus chamou-o para deixar que admirasse de perto todas as maravilhas que com tanta avidez procurara ver ao longo da vida."

Oito anos antes havia sido forçado a pronunciar alto e bom som a sua abjuração. Aqui está ela, transcrita palavra por palavra:

Eu, Galileu, filho de Vincenzo Galilei de Florença, com a idade de setenta anos, chamado pessoalmente a responder em juízo e ajoelhado diante de Vós Reverendíssimo Padre e Excelentíssimos Cardeais, tendo diante dos olhos os sacrossantos Evangelhos, que agora toco com mão, juro ter sempre acreditado naquilo que ensina a Santíssima e Apostólica Igreja. Amaldiçoo e detesto os meus erros e juro que nunca mais afirmarei, de viva voz ou por escrito, as mencionadas heresias.

Depois disso, referindo-se à Terra, murmurou baixinho, de forma quase inaudível, a frase "*Eppur si muove*", isto é, "No entanto, ela se move".

A propósito de Galileu,

sempre fiquei fascinado com a sua teoria sobre a queda dos objetos pesados. Nos tempos dos antigos gregos pensava-se que um corpo caísse mais ou menos depressa conforme o peso. Quanto mais ele é pesado, dizia Aristóteles, menos tempo leva a cair. Galileu, por sua vez, defendeu uma tese totalmente contrária: o tempo da queda era sempre o mesmo, só mudava conforme as variações do ambiente através do qual caía. Quer dizer que levaria algum tempo na água, menos tempo no ar, e um tempo menor ainda se estivesse caindo no vazio. Se temos a impressão de que uma pedra cai mais depressa do que uma pluma, isto só acontece porque a pluma encontra uma resistência maior. Se, no entanto, as deixássemos cair ambas no vazio, levariam exatamente o mesmo tempo.

No começo tratava-se apenas de uma intuição, mas ele era alguém que, se não experimentasse, não se divertiria. Começou portanto a tentar de várias formas. Mas como poderia experimentar uma queda no vazio? Não é tão fácil assim criar o vazio. Pensou então que um plano inclinado poderia ajudar. Frear a velocidade da queda de um sólido, com efeito, permitiria medir melhor o problema. Construiu sozinho, em casa, um plano inclinado usando uma tábua, e deixou rolar, uma depois da outra, umas bolas de bronze de igual formato, mas de peso diferente. Quanto aos tempos, calculou-os com um relógio hidráulico também inventado por ele. Durante a queda das bolas, deixou gotejar uma vasilha cheia de água, e mediu quanto líquido se juntara num copo subjacente. Até escreveu alguma coisa sobre o assunto:[18]

Numa canaleta inclinada, de madeira limpa e muito lisa, com doze braças de comprimento e três dedos de largura, deixo correr uma bola de bronze muito arredondada, para então medir o tempo que leva a percorrê-la toda.

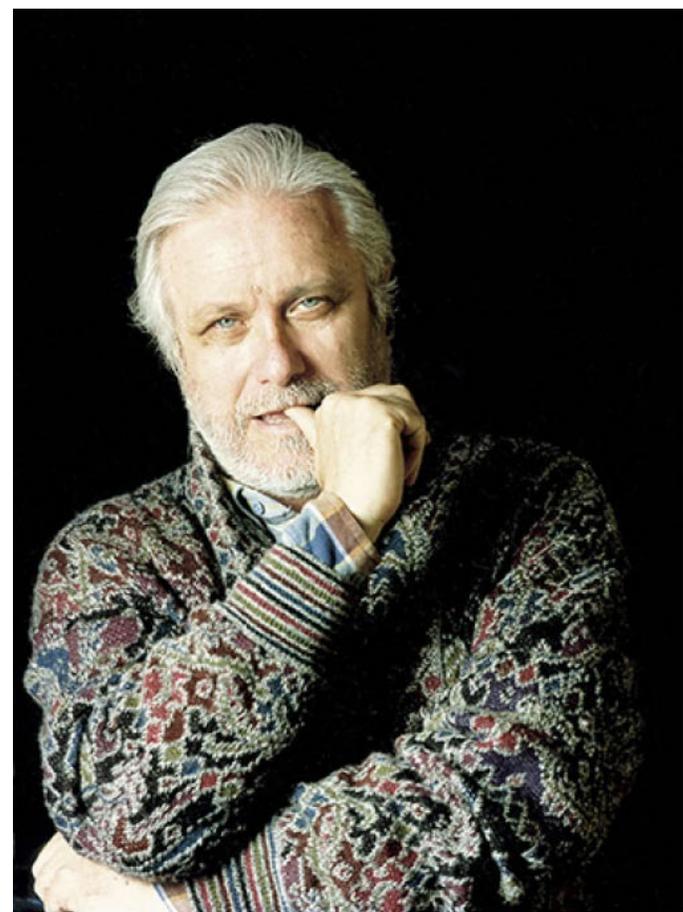
E mais adiante:

No que concerne, então, à medição do tempo, coloquei um grande balde de água pendurado no alto, do qual através de um cano muito fino soldado no fundo escorre um filete de água que se derrama gotejando num copo extremamente pequeno. Essas operações muitas e muitas vezes repeti e nunca, e friso o nunca, elas tiveram um único instante de discordância.

E dessa forma, sem nunca se cansar de repetir a experiência, conseguiu estabelecer que a velocidade de queda de um sólido não dependia do peso da bola, mas sim do seno do ângulo do plano inclinado.

Pois bem, eu gosto de imaginar Galileu deste jeito: de roupão, diante de uma canaleta inclinada de madeira, observando a descida de uma bola de bronze enquanto mede o nível da água no copo.

---

18 *Discursos*, pp. 215-219.

LUCIANO DE CRESCENZO é engenheiro, escritor e diretor de cinema. Autor, entre outros livros, de *Ordem e desordem* e *A dúvida*, ambos publicados pela editora Rocco.